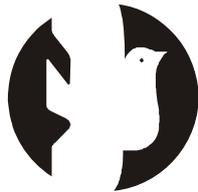


RODRIGO SOARES SANTOS



UNIVERSIDADE
SÃO FRANCISCO

AVALIAÇÃO DA MATURIDADE PERCEPTO-MOTORA E
TRAÇOS DE PERSONALIDADE

ITATIBA
2006

RODRIGO SOARES SANTOS



AVALIAÇÃO DA MATURIDADE PERCEPTO-MOTORA E
TRAÇOS DE PERSONALIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Universidade São Francisco para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Porto Noronha

ÍTATIBA
2006

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU *EM PSICOLOGIA*
MESTRADO

AVALIAÇÃO DA MATURIDADE PERCEPTO-MOTORA E
TRAÇOS DE PERSONALIDADE

Autor: Rodrigo Soares Santos
Orientadora: Prof. Dra. Ana Paula Porto Noronha

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de mestrado
defendida por Rodrigo Soares Santos.

Data: 24 / 02 / 2006

COMISSÃO EXAMINADORA

Profa. Dr^a. Ana Paula Porto Noronha

Profa. Dr^a. Patrícia Waltz Schelini

Profa. Dr^a. Acácia Aparecida Angeli dos Santos

ITATIBA
2006

DEDICATÓRIA

Dedico esta Dissertação ao meu Pai Raphael Santos, pela determinação e exemplo de uma vida ilibada; mesmo não mais neste plano, ainda escuto seus conselhos. À minha Mãe Maria Regina, incansável, batalhadora e sempre parcial pelos filhos. Ao casal, pela decisão corajosa de estruturar uma Família a qual foi minha base para alçar este vôo. Ao meu irmão Lelei, sereno, bem humorado e sempre uma mão amiga; ao meu irmão Rodolfo, genioso, lutador e conquistador de muitos méritos; à minha irmã Roberta, de gênio forte e exemplo de coragem e perseverança; à minha irmã Renata, segura, determinada e gentil; ao meu grande irmão caçula Ricardo, autêntico, amigo e confidente e em quem projeto meus melhores sonhos.

Dedico aos meus sobrinhos, Gustavo, Priscila, Alessandra, Rafaela, Louise e Thiago, pela alegria que fortalece, ilumina e encanta nossa família.

Dedico ao meu filho espiritual, Leonardo Graciano, por despertar em mim boas intenções.

O início dessa jornada seria muito mais difícil sem o apoio incondicional da minha ex-namorada Margareth Krause. A você todo o respeito, carinho e vivacidade pelo grande amor que juntos vivemos. Este trabalho deve muito a você.

“A Invencibilidade é o Trunfo dos Ingênuos”

Rodrigo Soares Santos

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui foi tão difícil quanto me manter aqui, mas nada alcancei sozinho, muitas pessoas fizeram por merecer meu mais profundo amor, respeito e agradecimento pela mão amiga, algumas vezes com uma simples palavra outras um apoio salvador em horas terríveis.

Um grande beijo na minha orientadora, Professora Ana Paula Porto Noronha, pela infinita paciência, dedicação, apoio em momentos difíceis e por respeitar meu ritmo de trabalho. Ao grande Mestre Professor Fermino Sisto, pelos discretos, *mas significativos*, conselhos durante todo o curso. A Professora Acácia Santos, pelas colocações na minha qualificação essenciais ao projeto. Ao Amigo Professor Makilin Nunes, pela força em momentos difíceis. Um beijo especial à Professora Maria Cristina Joly, por me permitir o uso do seu laboratório para que pudesse trabalhar com calma. Um beijo carinhoso às suas estagiárias Nayane Piovezan e Adriana Nicolau, sempre bem humoradas e divertidas. Ao Mestre e Amigo Cláudio Capitão pelas boas conversas refinadas por um bom charuto.

Um abraço forte no Mestre e Amigo Ricardo Primi, um bom exemplo a ser seguido. Um carinho especial à minha cúmplice Monalisa Nascimento, por me escutar, escutar, escutar... incansavelmente. Um Beijo muito especial à Maria Beatriz Zanarella, a querida Bia, a menina dos meus olhos, com sua Luz irradiante e pura, cujo encontro dos caminhos só me trouxeram alegria e muito amor. Ao Daniel Bartholomeu, irrequieto e que nos proporciona sua alegria, pelos textos. Ao Alexandre Raad e José Maria Montiel pelas alegres conversas, regadas a muita pizza e conhaque, nas noites de quarta. Ao amigo Gleiber Couto, companheiro de situação, pelas conversas de apoio e pela elegância em horas difíceis. A Fabián Rueda, por sua ajuda.

Um Abraço e um Beijo fraternal ao meu grande amigo Marcelo Martinelli, o Tai Chi, um poeta surpreendente e fiel companheiro de inúmeras horas regadas a chopp escuro. Um forte abraço ao amigo Adilson Souza, pelas boas conversas sempre acompanhadas de bons pratos. Um especial abraço no João Roberto, O Betão, pela ajuda crucial num dos momentos mais difíceis desse percurso; fica aqui meu reconhecimento. Um abraço com fé ao meu amigo de Curitiba, Luiz Fernando Cardoso da Silva, amigo de verdade e um companheiro de mão cheia. Um beijo na minha eterna sócia Eliane Ferraz, exemplo de profissionalismo e amizade.

A Dona Mirian Abicair, uma personagem singular, pelo apoio fundamental no início desse projeto. Sempre tive apoio irrestrito da minha querida Roseli Polecci. Nossas conversas começaram em janeiro de 2003 e nunca mais terminaram. A você todo respeito e carinho. Aos amigos da coordenação do mestrado, Henrique *Dilon*, Thaís e Marcela. Um beijo especial a Daniella Mazziro, a mulher mais fina e linda do mundo e que sempre teve uma palavra de carinho e cordialidade. A Adriana Suehiro, pelos textos, artigos e e-mails que sempre me ajudaram; sua competente dissertação serviu de referência à minha.

Na fase final do projeto, algumas pessoas pareciam ter caído do céu para meu auxílio salvador. Um abraço no Rodolfo Ambiel, pela ajuda com meus dados. Um grande beijo à Anelise Dias, pela disposição infinita em ajudar com minha análise de dados, quando tudo parecia não fazer sentido algum; sua revisão de texto, tradução e forma, foi de grande valia. Nunca esquecerei sua ajuda. Um beijo com carinho à Débora Barros e Dona Nadir, por me trazer à fé quando mais precisei.

Um Beijão à sempre bem humorada e super falante Camila Nascimento que me ajudou com minha coleta de dados em Amparo. Um agradecimento especial aos alunos, coordenadores, diretores e secretários municipais de educação das

escolas em que coletei meus dados e que tornaram possível esse projeto. Aos meus filhos e filhas queridos da Amparo à Cidadania por me ensinar que a vida vale muito. A Dona Mércia, Presidente da Casa de Apoio Amparo à Cidadania pela compreensão e apoio. A especial Daniela Soares dos Santos; nossos caminhos se cruzaram por uma causa linda.

Na Universidade São Francisco, tive a grande oportunidade de conhecer colegas que hoje são mais do que amigos. Um BEIJO ENORME na Professora Maria Eugênia pelas dicas, conselhos ao pé do ouvido e por abrir portas valiosas. Um beijo grande na Professora Anália Quelho pela ajuda presente, vital e discreto apoio em muitas horas. Sua contribuição não tem preço. Ao grande Professor Ari Oliveira, fantástico e sua disponibilidade irrestrita. A Paulinha Camargo, pela ajuda preciosa no meu ingresso ao universo acadêmico.

A um anjo chamado Raquel Erzinger, pelas palavras de segurança, carinho e esperança, uma mulher certamente especial. Ao Paulo Lima, o Paulão, pelos livros, textos e pelas grandes conversas de amigo. A gentil Fabiana Bueno, do departamento financeiro, por intermediar minha negociação com o Diretor do Campus. Um grande abraço ao Diretor do Campus de Itatiba, Professor Washington Luiz Alves Corrêa, por me conceder uma bolsa de estudos; por essa eu não esperava! Aos colegas do setor de atendimento e sua interminável paciência. A Tatiana Teixeira, pelas boas conversas e muitos sonhos; uma pessoa que mora na minha alma. Aos amigos da Biblioteca que ajudam a me achar lá dentro em especial ao Adriano de Paula e Eliane Canella. Um beijão à Roberta Carolina de Carvalho, a estagiária (sem nenhum estágio) mais ciumenta do mundo, brava e sempre de mau humor, mas com seu apoio constante e firme. Um carinho muito especial a Luciane Hammerschimit pela vivência em comum, boas histórias e intermináveis conversas. A Ana Francisca Oliveira, a minha *mineira preferida*, pela simplicidade das conquistas. Um beijo à Marina Humel, uma mulher

esperta, forte e com garra, por seus conselhos preciosos e queridos. Uma pessoa admirável. A Patrícia Farina e Tiago Bagne, os únicos dois aprovados no Curso de Aperfeiçoamento no Manicômio Judiciário Franco da Rocha e orgulhosamente meus alunos. Ao meu cunhado e amigo, Teodoro Egges, pelas palavras de fé e esperança e a citação de Goethe.

Toda essa história começa ainda na Universidade Federal do Paraná com a confiança do Professor Jamil Zugeib Neto, irreverente, polêmico, mas detentor da minha mais profunda admiração. Ao Professor Eduíno e sua esposa Elizabeth Sbardelini, pelas conversas iniciais sobre fazer o Mestrado.

Um cordial abraço ao Dr. Manoel de Jesus Martins, diretor do Departamento de Psiquiatria Forense do Instituto Médico Legal do Paraná, onde, em alguns meses, aprendi muito sobre trabalho e ética. Ao apoio dos colegas da Comissão de Psicologia Jurídica do Conselho Regional de Psicologia do Paraná e em especial a minha grande amiga e incentivadora Sra. Marina Elly Hasson, do Tribunal do Júri em Curitiba. Um cordial abraço nos inesquecíveis e gentis amigos de longa data Sra. Ioldes e Sr Gilberto Bachmann pelo apoio e incentivo infinitos; duas pessoas que moram no meu coração.

Um agradecimento recheado de Amor a minha Tia Maria Luísa Ramos, ideal de tudo em minha vida e a minha prima, Denise Mano, exemplo de carreira e bom humor, pelas conquistas que me inspiram. A minha prima Carolina Bacchi, pelas idéias iniciais quando nem sabia o que era um Mestrado.

Algumas pessoas tentaram me ajudar a me entender. Os psicoterapeutas, Armando Silva, Vânia Bassan, Rubens Kignel, Heloísa Pereira e Mario Negrão. Esses dois últimos muito mais que psicoterapeutas.

Helô, obrigado por muito. E só nós sabemos o quanto!

Finalmente, agradeço do fundo da alma a minha amiga de muitos papos, desafios e batalhas pelo dia a dia; uma pequena grande e admirável guerreira. Companheira fiel que, de pequenos passos, conquista seu mundo e de quem me orgulho muito, a Psicóloga Cláudia Santos, a Cláudinha da Orgone Psicologia Clínica, esta, por sua vez, que durante muitos anos foi minha segunda casa.

*

Em relação a todos os atos de iniciativa e de criação, existe uma verdade fundamental cujo desconhecimento mata inúmeras idéias e planos esplêndidos;

“a de que no momento em que nos comprometemos definitivamente, a Providência move-se também”.

Toda uma corrente de acontecimentos brota da decisão, fazendo surgir a nosso favor, toda sorte de incidentes e encontros e assistência material, que nenhum homem sonharia que viesse em sua direção.

Coragem contém, genialidade, poder e magia.

Goethe

*

... a fé se diz da confiança que se tem no cumprimento de uma coisa, da certeza de atingir um fim,...

Allan Kardec

Resumo

Santos, R. S. (2006). Avaliação da Maturidade Percepto-Motora e Traços de Personalidade. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba 100 p.

Este estudo teve por objetivo verificar se havia correlação entre maturação percepto-motora e traços de personalidade, verificar as diferenças de média dos participantes em relação a sexo, diferentes escola, séries, idade, entre outros. Participaram desta pesquisa 162 crianças, entre meninos e meninas, com idades variando entre 7 e 10 anos de escolas públicas e particulares do interior do Estado de São Paulo. Os instrumentos utilizados foram Teste Gestaltico visomotor de Bender - Sistema de Pontuação Gradual (B-SPG) e a Escala de Traços de Personalidade para Crianças (ETPC); foram aplicados coletivamente e uma única sessão. Os resultados indicaram diferenças significativas com relação a sexo, escola e idade; para o Traço de Personalidade Neuroticismo a diferença entre as médias foi significativa para os sexos. Ocorreu diferença significativa entre alunos das escolas públicas e particulares com desempenho melhor para esta última no Teste de Bender Gestalt. A diferença entre as médias das idades tanto no Teste de Bender – SPG e no ETPC foi significativa. Foi encontrada correlação entre maturação percepto-motora e os Traços de Personalidade Extroversão, Neuroticismo e Psicoticismo.

Palavras-chave: Avaliação Psicológica, Teste de Bender, Sistema de Pontuação Gradual, Testes Psicológicos.

Abstract

Santos, R. S. (2006). Assessment of Motor-Perception Maturation and Traits of Personality. Dissertation (Master Degree), *Strictu Sensu* Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade São Francisco, Itatiba, 100 p.

This study aimed to verify if there is a correlation between motor-perception maturation and traits of personality, compare the results between Teste de Bender – SPG and Escala de Traços de Personalidade para Crianças, compare means and others. Participated of these research 162 childrens, between boys and girls and age from 7 to 10 years, is attending at public and private schools from interior of an São Paulo State. The instruments used were Teste de Bender-SPG and Escala de Traços de Personalidade para Crianças; were collectively administered in one session. The results indicated significant difference between, sex, schools and age. The participant of the private schools has better than scores who public schools. The differences between ages was significant in the Bender Test and ETPC. Was found correlation between motor-perception maturation and Traits of Personality Extroversion, Psicoticism and Neuroticism.

Keywords: Psychological Assessment, Bender Test, Sistema de Pontuação Gradual, Psychological Tests.

Sumário

LISTA DE TABELAS	12
LISTA DE ANEXOS	15
APRESENTAÇÃO	16
CAPÍTULO I – FUNAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
<i>O Teste Gestáltico Viso-motor de Bender: um breve histórico</i>	18
<i>Aplicações do Teste Gestaltico Percepto-motor de Bender</i>	22
<i>Sistemas de Correção do Teste Gestaltico de Bender</i>	25
<i>Personalidade</i>	44
OBJETIVOS	56
CAPÍTULO II – MÉTODO	57
<i>Participantes</i>	57
<i>Instrumentos</i>	57
<i>Teste de Bender – Sistema de Pontuação Gradual</i>	57
<i>Escala de Traços de Personalidade para Crianças</i>	58
<i>Procedimento</i>	60
CAPÍTULO III – RESULTADOS	62
CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO	84
CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS.....	91
ANEXOS	Erro! Indicador não definido.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1. FREQUÊNCIAS DAS PONTUAÇÕES TOTAIS DO TESTE BENDER – SPG	63
TABELA 2. FREQUÊNCIA E PORCENTAGEM DO TRAÇO DE PERSONALIDADE EXTROVERSÃO.....	64
TABELA 3. FREQUÊNCIA E PORCENTAGEM DO TRAÇO DE PERSONALIDADE PSICOTICISMO	64
TABELA 4. FREQUÊNCIA E PORCENTAGEM DO TRAÇO DE PERSONALIDADE NEUROTICISMO	65
TABELA 5. FREQUÊNCIA E PORCENTAGEM DO TRAÇO DE PERSONALIDADE SOCIABILIDADE.....	65
TABELA 6. COMPARAÇÃO ENTRE AS MÉDIAS DE CRIANÇAS DE DIFERENTES SEXOS NO TESTE DE BENDER – SPG COM O TESTE <i>t</i> DE STUDENT.....	66
TABELA 7. COMPARAÇÃO ENTRE AS MÉDIAS DE CRIANÇAS DE DIFERENTES ESCOLAS NO TESTE DE BENDER – SPG COM O TESTE <i>t</i> DE STUDENT.....	66
TABELA 8. COMPARAÇÃO ENTRE AS MÉDIAS DE CRIANÇAS EM DIFERENTES IDADES NO TESTE DE BENDER – SPG COM A ANOVA.....	67
TABELA 9. COMPARAÇÃO ENTRE MÉDIAS ENTRE A PONTUAÇÃO TOTAL DO TESTE DE BENDER – SPG E IDADE COM O TESTE DE <i>TUKEY</i>	68
TABELA 10. COMPARAÇÃO ENTRE AS MÉDIAS DE CRIANÇAS EM DIFERENTES SÉRIES NO TESTE DE BENDER – SPG COM A ANOVA.....	68
TABELA 11. COMPARAÇÃO ENTRE MÉDIAS ENTRE A PONTUAÇÃO TOTAL DO TESTE DE BENDER – SPG E SÉRIE COM O TESTE DE <i>TUKEY</i>	69
TABELA 12. COMPARAÇÃO ENTRE AS MÉDIAS DE CRIANÇAS DE DIFERENTES SEXOS NOS TRAÇOS DE PERSONALIDADE EXTROVERSÃO, PSICOTICISMO, NEUROTICISMO E SOCIABILIDADE COM O TESTE <i>t</i> DE STUDENT	69
TABELA 13. COMPARAÇÃO ENTRE AS MÉDIAS DE CRIANÇAS DE DIFERENTES ESCOLAS NOS TRAÇOS DE PERSONALIDADE EXTROVERSÃO, PSICOTICISMO, NEUROTICISMO E SOCIABILIDADE COM O TESTE <i>t</i> DE STUDENT	70

TABELA 14. COMPARAÇÃO ENTRE AS MÉDIAS DE CRIANÇAS DE DIFERENTES SÉRIES NO TRAÇO DE PERSONALIDADE EXTROVERSÃO COM A ANOVA.....	71
TABELA 15. COMPARAÇÃO ENTRE MÉDIAS NO TRAÇO DE PERSONALIDADE EXTROVERSÃO E SÉRIE COM O TESTE DE <i>TUKEY</i>	72
TABELA 16. COMPARAÇÃO ENTRE AS MÉDIAS DE CRIANÇAS DE DIFERENTES SÉRIES NO TRAÇO DE PERSONALIDADE PSICOTICISMO COM A ANOVA	72
TABELA 17. COMPARAÇÃO ENTRE MÉDIAS NO TRAÇO DE PERSONALIDADE PSICOTICISMO E SÉRIE COM O TESTE DE <i>TUKEY</i>	72
TABELA 18. COMPARAÇÃO ENTRE AS MÉDIAS DE CRIANÇAS DE DIFERENTES SÉRIES NO TRAÇO DE PERSONALIDADE NEUROTICISMO COM A ANOVA	73
TABELA 19. COMPARAÇÃO ENTRE MÉDIAS NO TRAÇO DE PERSONALIDADE NEUROTICISMO E SÉRIE COM O TESTE DE <i>TUKEY</i>	73
TABELA 20. COMPARAÇÃO ENTRE AS MÉDIAS DE CRIANÇAS DE DIFERENTES SÉRIES NO TRAÇO DE PERSONALIDADE SOCIABILIDADE COM A ANOVA.....	73
TABELA 21. COMPARAÇÃO ENTRE MÉDIAS NO TRAÇO DE PERSONALIDADE SOCIABILIDADE E SÉRIE COM O TESTE DE <i>TUKEY</i>	74
TABELA 22. COMPARAÇÃO ENTRE AS MÉDIAS DE CRIANÇAS DE DIFERENTES IDADES NO TRAÇO DE PERSONALIDADE EXTROVERSÃO COM A ANOVA.....	74
TABELA 23. COMPARAÇÃO ENTRE MÉDIAS NO TRAÇO DE PERSONALIDADE EXTROVERSÃO E IDADE COM O TESTE DE <i>TUKEY</i>	75
TABELA 24. COMPARAÇÃO ENTRE AS MÉDIAS DE CRIANÇAS DE DIFERENTES IDADES NO TRAÇO DE PERSONALIDADE PSICOTICISMO COM A ANOVA	75
TABELA 25. COMPARAÇÃO ENTRE MÉDIAS NO TRAÇO DE PERSONALIDADE PSICOTICISMO E IDADE COM O TESTE DE <i>TUKEY</i>	76
TABELA 26. COMPARAÇÃO ENTRE AS MÉDIAS DE CRIANÇAS DE DIFERENTES IDADES NO TRAÇO DE PERSONALIDADE NEUROTICISMO COM A ANOVA.....	76
TABELA 27. COMPARAÇÃO ENTRE MÉDIAS NO TRAÇO DE PERSONALIDADE NEUROTICISMO E IDADE COM O TESTE DE <i>TUKEY</i>	77

TABELA 28. COMPARAÇÃO ENTRE AS MÉDIAS DE CRIANÇAS DE DIFERENTES IDADES NO TRAÇO DE PERSONALIDADE SOCIABILIDADE COM A ANOVA.....	77
TABELA 29. COMPARAÇÃO ENTRE MÉDIAS NO TRAÇO DE PERSONALIDADE SOCIABILIDADE E IDADE COM O TESTE DE <i>TUKEY</i>	78
TABELA 30. COMPARAÇÃO ENTRE AS MÉDIAS DE CRIANÇAS DE GRUPOS EXTREMOS DE DIFERENTES ESCOLAS COM O TESTE <i>T</i> DE STUDENT.....	78
TABELA 31. COMPARAÇÃO ENTRE AS MÉDIAS DE CRIANÇAS DE GRUPOS EXTREMOS DE DIFERENTES IDADES COM A ANOVA	78
TABELA 32. COMPARAÇÃO ENTRE AS MÉDIAS DE CRIANÇAS DE GRUPOS EXTREMOS DE DIFERENTES IDADES COM TESTE <i>TUKEY</i>	79
TABELA 33. COMPARAÇÃO ENTRE AS MÉDIAS DE CRIANÇAS DE GRUPOS EXTREMOS DE DIFERENTES SÉRIES COM A ANOVA	79
TABELA 34. COMPARAÇÃO ENTRE AS MÉDIAS DE CRIANÇAS DE GRUPOS EXTREMOS DE DIFERENTES SÉRIES COM O TESTE <i>TUKEY</i>	80
TABELA 35. CORRELAÇÃO DE CADA FIGURA DO TESTE DE BENDER – SPG COM TRAÇOS DE PERSONALIDADE.....	80
TABELA 36. CORRELAÇÃO DA PONTUAÇÃO TOTAL DO TESTE DE BENDER – SPG COM SEXO, IDADE, ESCOLA E SÉRIE.....	81
TABELA 37. CORRELAÇÃO DA PONTUAÇÃO TOTAL DO TESTE DE BENDER – SPG COM TRAÇOS DE PERSONALIDADE.....	82
TABELA 38. CORRELAÇÃO DE TRAÇOS DE PERSONALIDADE COM SEXO, IDADE, SÉRIE E ESCOLA	82

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	97
ANEXO 2 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	98
ANEXO 3–TERMO DE APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO COMITÊ DE ÉTICA DA INSTITUIÇÃO	99

APRESENTAÇÃO

Muitos foram os sistemas de correção desenvolvidos para o Teste Gestaltico de Bender a partir da sua publicação original por Lauretta Bender em 1938. Desde então inúmeros estudos e pesquisas resultaram em publicações em áreas distintas como dificuldades de aprendizagem, diferenças de desempenho, entre os sexos, as etnias, bem como comparações de resultados com diferentes populações. Contudo, os diferentes sistemas de correção acabaram tornando difícil uma mesma linguagem para diferentes pesquisas, sendo o de Koppitz (1975) o mais conhecido e pesquisado (Koppitz, 1987; Lesiak, 1984; Pascal & Suttell 1951; entre outros).

Uma vantagem do Teste de Bender é sua rapidez e facilidade de aplicação. O Teste de Bender – Sistema de Pontuação Gradual (B-SPG) preenche um espaço para a avaliação percepto-motora de crianças de 6 a 10 anos, pela carência de instrumentos para avaliação do constructo, podendo ser utilizado para fomentar outras pesquisas como a de Suehiro (2005) e de Néri (2005). Tanto esses dois estudos citados, quanto este projeto, fazem parte de um projeto maior com foco em estudos de validade com o novo Sistema de Pontuação Gradual (B-SPG) desenvolvido por docentes do programa de Pós-Graduação da Universidade São Francisco.

Outro tema que resulta muitos estudos é a personalidade, tanto no que se refere às concepções quanto às maneiras de avaliação. Embora o termo personalidade seja empregado muitas vezes em sentido amplo, não há consenso a respeito do tema; muitos autores se inclinam a pensá-la sob a forma de traço, idéia esta desenvolvida por Cattell, Allport, Eysenck, entre outros e contribui para o entendimento do comportamento humano (Allport, 1969, 1970; Anastasi & Urbina, 2000; Cattell, 1975; Eysenck, 1980, 1998).

Entre os objetivos dessa pesquisa está o estudo da possibilidade de existência de elementos comuns ao perceber uma figura e copiá-la o mais igual possível e a personalidade,

assim sendo, foi investigado se existiria correlação entre maturação percepto-motora e traços de personalidade.

O Capítulo I, Fundamentação Teórica, apresenta uma breve da história do desenvolvimento do Teste Gestaltico Viso-Motor de Bender, traz informações sobre o uso do instrumento com pesquisas nacionais e internacionais e sobre sistemas de correção e apresenta pesquisa com o novo Sistema de Pontuação Gradual. O capítulo discute personalidade, um pouco do histórico do e definições do termo. Após, são apresentados algumas teorias da personalidade, em seguida foca nas teorias traços de personalidade e pesquisas com o ETPC.

No Capítulo II serão abordadas informações sobre objetivo, participantes, descrição dos instrumentos Teste de Bender – SPG e Escala de Traços de Personalidade para Crianças e os procedimentos.

No Capítulo III serão abordados os Resultados da pesquisa enquanto que no Capítulo IV serão encontradas a Discussão dos Resultados.

As considerações finais serão vistas no Capítulo V, as Referências e os Anexos vêm a seguir.

CAPÍTULO I – FUNAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Teste Gestáltico Viso-motor de Bender: um breve histórico

Nos primeiros anos de 1900, Wertheimer, com base na psicologia da Gestalt, escreveu um artigo que descrevia seu trabalho em parceria com Koffka e Köhler, sobre os fenômenos perceptivos, tais como movimento aparente e pós-imagens (Salvia & Ysseldike, 1991). Nesse sentido, foram usados pela primeira vez os experimentos de gestaltes visuais com crianças e adultos, com débeis mentais, dentre outros grupos de sujeitos.

A psicologia da Gestalt deu um novo impulso à ciência psicológica, apresentando outra compreensão para aprender as relações entre o todo e suas partes, pois mostrou que a percepção não pode ser interpretada como uma soma de sensações singulares. A percepção e a reprodução das figuras gestalticas são determinadas por princípios biológicos e de ação sensorio-motriz, os quais variam em função do padrão de desenvolvimento, do nível maturacional de cada indivíduo e de seu estado patológico funcional e organicamente induzido (Bender, 1974).

Desde que foi publicada a monografia original de Bender em 1938, a literatura cresceu significativamente. Muitos dos trabalhos foram dedicados à discussão geral do teste e a modificações na administração e execução dele; um quinto das publicações foram referentes ao uso com crianças; e quase metade discutiu sua utilidade no diagnóstico diferencial de pacientes psiquiátricos adultos (Koppitz, 1987).

O Teste Gestaltico Viso-Motor de Bender é um teste de performance maturacional da função gestaltica motora, que avalia o grau de maturação percepto-motora, tendo sido originalmente desenvolvido para ser aplicado em crianças com idades entre 4 e 11 anos (Bender, 1938, apud Mazzeschi & Lis, 1999; Koppitz, 1987; Lesiak, 1984). Foi criado por

Lauretta Bender a partir de 30 desenhos elaborados por Wertheimer nos seus estudos com leis de organização perceptual, em consequência dos estudos clínicos na década de 20 (Zazzo, 1981).

A habilidade percepto-motora está associada com a capacidade de linguagem e com diversas funções da inteligência tais como, percepção visual, habilidade motora manual, memória, conceitos temporais e espaciais e capacidade de representação ou organização, (Schachter, Brannigan, & Tooke, 1991). De acordo com Bender (1974), todos os processos integradores do sistema nervoso se produzem em constelações ou gestaltes, de tal sorte que a integração ocorre não por meio da soma, e sim pela diferenciação, aumento ou diminuição da complexidade dos seus padrões de referência.

A maturação percepto-motora, de acordo com Zazzo (1981), foi definida como uma habilidade, sendo que sua mensuração poderia ser obtida pelo uso de padrões com diferentes graus de complexidade e princípios de organização, associado com um caráter evolutivo à aprendizagem dessas funções. Isso porque, ver e reproduzir figuras não é uma tarefa simples de aprendizagem, pois tanto a percepção dos estímulos, quanto a resposta podem envolver o funcionamento neurocerebral, além de uma multiplicidade de outros fatores. Sob essa perspectiva, existe uma tendência a experimentar as gestalts não somente como um todo maior que suas partes e sim, como uma configuração que se integra no espaço e no tempo. Conseqüentemente, a percepção da gestalt é resultado de fatores temporais e sensório-motores.

O trabalho de Bender investigou alguns de seus pacientes adultos, de tal forma que os protocolos usados na avaliação clínica, incluíam pessoas com lesão cerebral orgânica, esquizofrenia, psicose depressiva, neurose e deficiências mentais. No caso da avaliação de crianças foi adotado um caráter evolutivo na análise desses protocolos. Uma das vantagens do Bender, de acordo com Koppitz (1987), refere-se às suas variadas formas de interpretação,

tanto a evolutiva como a clínica, sugeridas por Bender, quanto a projetiva, interpretando os desenhos do Teste de Bender sob a ótica da teoria psicanalítica, utilizada por Hutt. No que se respeita especialmente às impressões clínicas, a autora reconhece que elas permitem uma elevada subjetividade na interpretação dos protocolos acarretando baixa confiabilidade entre os resultados.

Voltando a Bender (1974), ela selecionou nove figuras, consideradas as mais representativas na avaliação sensório motriz, a fim de ilustrar a função pela qual o indivíduo responde gestalticamente a uma série de estímulos relacionados com a maturação percepto-motora. A autora adaptou estas figuras e as usou como um teste percepto-motor. A Figura A foi escolhida para ser a primeira pela simplicidade da reprodução das duas partes (círculo e losango), o que permite ao sujeito, identificar com facilidade suas gestalts.

Ainda nesse sentido, a Figura 1 seria percebida como uma série de pares de pontos, com um ponto solto em cada extremo. A Figura 2 se percebe, segundo Wertheimer, como uma série de linhas oblíquas compostas de três unidades, dispostas de maneira que as linhas estão inclinadas desde a esquerda acima até a direita abaixo.

A gestalt das proximidades está determinada também na Figura 3, embora o desenho representado se assemelha a uma ponta de flecha. Já a Figura 4 se estrutura como uma das unidades determinadas pelo princípio da continuidade da organização geométrica, por meio da representação de um quadrado aberto na parte superior e de uma onda interceptando um dos vértices dele. Um princípio similar rege as Figuras A e 5, enquanto a Figura 6 está formada por linhas sinuoidais de diferentes longitudes de onda que se entrecortam obliquamente. As Figuras 7 e 8 são duas configurações compostas pelas mesmas unidades, mas raramente são percebidas como tal, pois na Figura 8 prevalece o princípio da continuidade das formas geométricas, enquanto na 7 elas se tangenciam (Bender, 1974).

A proposta para a avaliação da maturidade percepto-motora, por meio da realização

gráfica da tarefa, com os modelos à vista é semelhante às provas de reprodução gráfica elaboradas por Binet-Simon, no que se refere às correções das figuras. Koppitz (1987) afirma que uma interpretação significativa do protocolo do Bender de uma criança pequena deveria incluir sempre o total das respostas em vez de avaliar o desempenho individual. Segue defendendo que algumas crianças podem reproduzir as figuras gestalticas de um desenho numa idade prematura tendo, porém, dificuldades para desenhar os detalhes; outras, por sua vez, são excelentes na reprodução dos detalhes, mas necessitam de mais alguns meses ou anos para antes de poderem copiar as figuras na correta posição vertical ou horizontal. Um outro grupo de crianças, aprendem a desenhar os detalhes e as direções de partes das figuras, mas só gradualmente adquirem a habilidade para integrá-los como um todo. Em função dessa consideração foi confeccionada uma escala de maturação para o Bender usando pontuações compostas para todas as nove figuras, cuja discussão se dará nas seções seguintes.

Muitos examinadores interpretam os protocolos utilizando-se de um único sistema de correção, de tal forma que o Bender é considerado como um teste de maturidade percepto-motora, ou de personalidade e ajustamento emocional, ou ainda como um instrumento como avaliação da inteligência. Koppitz (1987) relata que não há razão para que o protocolo do Bender seja interpretado de uma única maneira, considerando a grande possibilidade de informações que várias perspectivas podem oferecer. Tendo como referência às várias possibilidades de utilização do instrumento, na seção a seguir, são abordados alguns dos usos mais presentes em pesquisas.

Aplicações do Teste Gestaltico Percepto-motor de Bender

Koppitz (1987) foi uma importante estudiosa do Teste de Bender. Dentre seus achados, enfatizou que o desempenho na escola primária está associado a três funções básicas da maturidade percepto-motora. A primeira seria a capacidade para perceber o desenho como um todo limitado e poder iniciar e parar uma ação voluntariamente; a segunda seria a capacidade de perceber e copiar corretamente as linhas e as figuras respeitando a direção e a forma e a última, seria a capacidade de integrar partes numa gestalt completa.

Salvia e Ysseldyke (1991) criticaram o trabalho de Koppitz (1987) ao argumentarem que a estrutura da maturação percepto-motora não é definida de maneira adequada em nenhum dos seus manuais, uma vez que não evidencia em que medida o teste avalia o construto, e não descreve a justificativa pela qual os alunos que obtêm escores baixos no Teste de Bender apresentam um bom desempenho em outros testes. Nas considerações dos autores há ainda uma ressalva no sentido de que não é confiável utilizar o Bender como medida de inteligência, como prognóstico de desempenho escolar ou medida de distúrbios emocionais ou de disfunções cerebrais menores, tal como preconizado por diversos autores, dentre eles Bender (1974), que o recomendou para a exploração do desenvolvimento da inteligência infantil, para o diagnóstico das diversas síndromes clínicas de deficiência mental, da afasia, de desordens cerebrais orgânicas, de psicoses maiores, de enfermidades e neuroses, em crianças e adultos.

O uso do Bender como teste de inteligência suscita discussões, pois há divergências entre estudiosos, como já abordado anteriormente. Salvia e Ysseldyke (1991) afirmam que o Teste de Bender jamais deveria substituir uma medida do funcionamento intelectual, embora Koppitz (1987; p. 71) afirme que o instrumento pode substituir “com alguma confiança” um teste de inteligência de triagem, fornecendo ao examinador uma primeira medida da

habilidade intelectual da criança. Para Salvia e Ysseldyke (1991), contudo, a confiabilidade do Teste de Bender é relativamente baixa para que possa ser utilizado para a tomada de decisão sobre a colocação das crianças em classes especiais.

Para Wewetzer, 1984 (citado por Koppitz, 1987), existem relações significativas entre o Teste de Bender e o QI em seus estudos com lesionados cerebrais e grupo controle, nos quais trabalhou exclusivamente com crianças. Contrariamente, Pascal e Suttell, 1951 (citado por Koppitz, 1987) atestam que parece não haver relação significativa entre a inteligência dos adultos e suas atuações no Bender. Acrescentaram que existe uma falta de relação entre o desempenho no instrumento e o QI das crianças.

Nesse sentido, critica o uso do Bender com crianças pequenas com o sistema de pontuação de Pascal e Suttell (1951), uma vez que este foi desenvolvido para adultos. Reconhece, contudo, que as respostas ao Teste de Bender não retratam fielmente a premissa de que existiria relação entre aptidão intelectual de pacientes psiquiátricos adultos e desempenho no instrumento.

O Bender Gestaltico tem sido usado como preditor da maturidade percepto-motora e do desempenho acadêmico em crianças nos Estados Unidos, de acordo com Chan (2001). Nessa mesma direção, Salvia e Ysseldyke (1991) sugeriram que educadores e psicólogos trabalhem com a suposição de que um desenvolvimento percepto-motor adequado é importante como pré-requisito para o desenvolvimento de habilidades acadêmicas. Afirmam que pouca habilidade percepto-motora pode contribuir ou causar problemas de aprendizagem em alunos. Também Koppitz (1987) ressalta a importância da avaliação da habilidade percepto-motora, uma vez que o desenvolvimento intelectual se dá a partir de experiências sensorio-motoras nos primeiros anos de vida.

Em relação aos demais usos do instrumento e em concordância com os pressupostos de Koppitz (1987), Salvia e Ysseldyke (1991) afirmam que os testes perceptivo-motores são

amplamente utilizados para o diagnóstico de lesões cerebrais, uma vez que houve um grande número de estudos sobre o uso do Teste de Bender para diagnosticar disfunções cerebrais mínimas em crianças em idade escolar. Foi utilizado também para diagnóstico diferencial entre pacientes psiquiátricos jovens e com grupos de delinquentes juvenis.

O Bender vem sendo indicado para situações diversas, Sangster, Rogers e Searight (1993) salientam que o Teste de Bender foi originalmente construído para obter informações sobre as habilidades perceptuais-motoras, sobre disfunções neuropsicológicas e sobre o desenvolvimento cognitivo. Eles o indicam como um instrumento interessante também para avaliação projetiva da personalidade.

A grande divulgação do Teste de Bender na prática clínica foi enfatizada por McCann e Plunkett (1984) como fruto de sua brevidade de aplicação e correção. A asserção foi corroborada por Belter e colaboradores (1989) ao afirmarem que o instrumento foi regularmente reconhecido como um dos instrumentos mais freqüentemente usados para avaliação clínica e que seu uso inclui a mensuração de pacientes com comprometimento cerebral, da maturidade percepto-motora e como técnica projetiva, enquanto Salvia e Ysseldike (1991) e Belter e colaboradores (1989) afirmam que o teste conquistou uma ampla popularidade entre os psicólogos clínicos tornando-se um dos instrumentos mais freqüentemente utilizados.

Lownsdale, Rogers e McCall (1989) também atribuem o uso constante do instrumento à sua simplicidade, tornando-o vantajoso para a avaliação. Para Buckley (1978) o Bender é freqüentemente usado por psicólogos escolares em processos de avaliação tendo sido incluído em muitos diagnósticos de adultos e crianças, desde os cinco anos em virtude da contribuição para a evolução do funcionamento perceptual motor, comprometimento neurológico, entre outros.

O fato de o Teste de Bender possuir diferentes enfoques contribuiria, de acordo com

Koppitz (1987), para o uso do instrumento com finalidades distintas, já que sugere que cada teste psicológico utilizado seja analisado e interpretado minimamente por dois ou três sistemas de correção diferentes. Complementa que, ao adotar um enfoque multidimensional, raras vezes um teste será improdutivo, pois ainda que não seja conclusivo um outro pode ser muito revelador. O Bender, então, seria muito apropriado para uma interpretação das diferentes dimensões da personalidade.

Nesse sentido, a seguir, serão apresentados diferentes sistemas de correção sob perspectivas de autores distintos. Entre os quais veremos Koppitz, Hutt, Lacks, Pascal e Suttell, entre outros.

Sistemas de Correção do Teste Gestaltico de Bender

O Bender tem tido um uso constante pela comunidade psicológica, como já abordado anteriormente. Sob essa perspectiva, Lubin e Sands (1992) e Sangster, Rogers e Searight (1993) afirmam que o Bender esteve entre os cinco instrumentos psicológicos mais freqüentemente usados por mais de 30 anos e o mais usado no ano de 1969. No cenário nacional, assim como no estrangeiro, o Teste de Bender figura dentre um dos testes mais usados pelos psicólogos (Noronha & cols, 2002). Em relação ao ensino, o estudo de Alves, Alchieri e Marques (2001) revelaram que o instrumento está entre os mais ensinados nas universidades brasileiras.

De acordo com Neale e McKay (1985), um número considerável de sistemas de correção, foram desenvolvidos desde a publicação original de Bender em 1938. Os autores destacam o de Hutt, Billingslea, Kitay, Pascall e Suttell, Peek e Quast e Keller e o que mais tem tido aceitação é o de Koppitz. Koppitz (1987; p. 16) acrescenta que Billingslea em 1948 foi o primeiro a publicar um sistema de correção “bastante elaborado”.

Ainda nesse sentido, muitas formas modificadas foram propostas para predizer várias habilidades, tanto para crianças, quanto para adultos. O sistema de correção de Koppitz foi projetado para avaliar maturidade percepto-motora em crianças com idades entre 5 e 11 anos (Mazzeschi & Lis, 1999; Salvia & Ysseldyke, 1991).

Um detalhado sistema de correção foi apresentado por Koppitz, para objetivar e quantificar o desenvolvimento percepto-motor. Alguns autores como Koppitz, Keogh e Smith, McCarthy, e Wallbrown realizaram pesquisas com teste-reteste indicando alta precisão para crianças normais e para crianças com comprometimento em leitura (Neale & McKay, 1985). Relatam que o sistema Koppitz possui alto coeficiente de precisão para correção dos protocolos, mas a precisão de atribuir categorias aos erros aparece substancialmente baixa.

Koppitz elaborou um sistema de correção que se singulariza em razão do grande uso tanto na aplicação prática do psicólogo, quanto na pesquisa. A construção de sua escala constituiu de uma lista composta por 20 desvios e distorções, destacadas dos protocolos das crianças pequenas, e usadas como categorias de pontuação. Os desvios pequenos foram considerados de pouca importância para o grupo de idade estudado e foi empregado o método simples de pontuação dicotômica (presente e ausente). As descrições das categorias de análise são apresentadas a seguir.

A categoria *distorção de forma* se caracteriza pela desproporção entre as partes das figuras, pelos números incorretos de pontos, pela perda da forma do desenho, pelo desenho de linhas em lugar de pontos e pela falta de integração das partes que compõem a figura. A categoria *rotação* indica a variação da figura toda ou parte dela em 45° ou mais. Na categoria, *rasuras*, encontram-se correções das figuras durante seu curso e o retraçar das figuras e linhas extras. A categoria, *omissões*, caracteriza-se por ausência de fileiras, colunas e partes da figura.

Na categoria *ordem confusa* não se distingue claramente a seqüência na colocação das figuras no papel; já a categoria, *superposição das figuras*, consiste na apresentação de duas ou mais figuras superpostas. A categoria *compressão*, está presente quando todas as figuras são colocadas na metade da folha de papel ou todas as figuras aderem à borda da folha. A categoria, *segunda tentativa*, se caracteriza pela tentativa espontânea de desenhar a figura pela segunda vez, enquanto que a categoria *perseveração*, é implicada na representação de mais de 14 pontos ou colunas ou mais de cinco curvas sinuoidais. A categoria, *Círculos ou traços em vez de pontos* caracteriza-se por duas ou mais substituições de pontos por círculos ou traços.

A categoria *Linha ondulada* refere-se ao desvio grosseiro da linha reta e na, categoria *forma dos círculos*, há três ou mais desvios grosseiros do círculo. Em *desvio da inclinação*, encontra-se duas ou mais mudanças abruptas na inclinação. Na categoria, *traços ou pontos em vez de círculos*, há a substituição de mais da metade do número de círculos, enquanto que na categoria *achatamento*, a ponta de flecha foi eliminada. Na categoria *número incorreto de pontos* (Figura três), significa que mais ou menos 16 pontos foram acrescentados. *O quadrado e a curva não se juntam* caracterizando a categoria, (Figura 4), quando o vértice do quadrado e a curva estão separados por mais de três milímetros de distância. Na categoria *ângulo*, observa-se presença de três ou mais ângulos distintos. Já na categoria, *omissão ou adição de ângulos*, se encontra um número incorreto de ângulos. Por fim a categoria *Emoldurar*, indica que foi colocada uma moldura em volta de cada figura.

Uma análise das categorias propostas por Koppitz (1987) implicou na avaliação de 77 crianças de primeira, segunda, terceira e quarta séries de escolas diferentes. Os resultados evidenciaram, após o estudo, que sete das categorias discriminaram o alto e o baixo desempenho escolar, a saber, distorção de formas, rotação, pontos por círculos, perseveração, integração das partes, ângulos nas curvas e ângulos incorretos. A aplicação do instrumento

foi individual e para a obtenção do índice de concordância entre dois avaliadores, foram analisados 14 dos 77 protocolos, obtendo-se 93% de concordância entre eles. Embora a autora afirme que a precisão entre avaliadores foi alta, vale destacar que foram analisados aproximadamente apenas 20% dos casos investigados.

As 13 categorias restantes, de acordo com Koppitz (1987), pareciam não estar relacionadas com o desempenho nas séries elementares e, por implicação, não se relacionavam com a maturação percepto-motora. Para a autora é possível que as categorias restantes possuam relação com outros fatores, tais como imaturidade na coordenação motora fina e pouca capacidade de planejamento nas crianças pequenas. Ademais, sugere que os desvios que refletem, primariamente, tensão emocional e atitudes, podem não estar relacionados com a idade e tão pouco com imaturidade.

Ainda nesse sentido, uma análise mais detalhada da categoria distorção de forma, aparece com mais frequência nas Figuras A, 3, 5 e 7 e comprovou ser estatisticamente significativa para elas. No entanto, ocorreu raramente nas Figuras 1, 2, 4, 6 e 8, nas quais não encontrou correlação significativa. Koppitz (1987) optou por utilizar esta categoria de pontuação somente para as Figuras A, 3, 5 e 7.

Mesmo possuindo boa correlação entre os resultados de desenvolvimento, no geral, o sistema de correção de Koppitz, freqüentemente possui um número muito baixo de confiabilidade em categorias de erros individuais, especialmente quando se tenta analisar separadamente disfunções em três áreas distintas, a saber, desenvolvimental, orgânica e emocional (Svensson & Hill, 1990). Em contraposição, os autores afirmam que muitos estudos parecem solidificar a confiabilidade do sistema Koppitz, mesmo que o número de problemas permaneça.

A maior parte dos estudos com o Bender, para predição escolar, utilizou o resultado do total de erros do sistema de correção de Koppitz para crianças. Alguns, entretanto,

investigaram o significado das várias categorias de erros na verificação de atraso escolar. McKay e Neale (1985) sugerem que algumas categorias de sejam utilizadas como indicadores mais apropriados que a somatória dos totais de erros para predição de atraso escolar. Os achados dos autores revelaram que as categorias com maior número de erros foram rotação, perseveração, distorção, substituição e integração.

Em sua pesquisa, com uma amostra de 195 crianças com média de idade de quatro anos e oito meses em um estudo longitudinal, entre os anos de 1970 e 1975, cujo objetivo foi verificar a correlação entre o desempenho dos alunos com o desempenho escolar de escrita e leitura, foram encontradas correlações entre a performance no Teste de Bender e o atraso escolar. Os resultados indicaram que as categorias de erros do sistema Koppitz, separadamente, são mais preditivas que a soma total dos escores para predição em leitura e escrita sendo indicados para tal finalidade. Apontam também que o critério de distorção de forma é tão preciso quanto o total de erros no teste-reteste (McKay & Neale, 1985). Para Svensson e Hill (1990) o sistema de correção de Koppitz (*Developmental Scoring System, 1975*) aparece como um dos métodos mais utilizados de análise dos protocolos do Teste de Bender para crianças pequenas como já confirmados por outros autores.

O sistema de correção de Koppitz foi comparado ao sistema de correção de Watkins que se diferencia pelo total de 42 itens de correção, enquanto o de Koppitz possui 30, em um estudo de Johnston e Lanak (1985) com uma amostra de 25 crianças provenientes do Serviço Neuropsicológico de Divisão de Crianças e Adolescentes, com idades entre 7 e 10 anos do Hospital Universitário de Minesota, nos Estados Unidos. O segundo sistema, de Watkins, considera certas características que o de Koppitz não, e seu tempo de aplicação é curto. Para os autores do estudo, o sistema de Koppitz, por si só, não é um bom preditor de sucesso ou fracasso de crianças na escola, em contrapartida o de Watkins, seria mais útil na informação

clínica com relação à incapacidade de leitura em crianças ou em qualquer outro diagnóstico utilizando os dois sistemas de correção.

O Teste de Bender foi aplicado individualmente como parte de uma grande aplicação de baterias de testes neuropsicológicos e após isso, corrigido pelo sistema de correção de Watkins. Em seguida, um segundo autor corrigiu os protocolos pelos dois sistemas. Os resultados desse estudo indicaram que o sistema de correção de Watkins obteve melhor resultado que o sistema de correção de Koppitz, entretanto, os autores ressaltam, que é necessário considerar a natureza dos dois sistemas de correção e a diferença da população normativa que contribuíram para a padronização dos dois métodos.

Belter e colaboradores (1989) afirmam que a falta de sistemas de correção estruturados para adolescentes, acarretam dois caminhos para apuração dos protocolos, o primeiro refere-se ao uso da subjetividade com métodos não formais de correção, enquanto o segundo, à utilização de sistemas de correção para adultos ou crianças sem dados normativos para obtenção de resultados significativos. Sugerem a realização de pesquisas para a obtenção dos dados normativos de forma que os diagnósticos sejam válidos para seu uso clínico.

Um grande número de propostas de correção diminuí seriamente o atrativo do Teste de Bender como instrumento de avaliação clínica, mesmo sendo um instrumento simples e eficiente, é o que defendem Svensson e Hill (1990). Para eles existem muitos critérios de acordo com os diferentes sistemas de correção, como o de Pascall e Suttell (1951), que possui 105 variáveis. De alguma maneira o grande detalhamento da correção tende a contribuir para a diminuição do interesse do usuário.

Tal asserção pode ser corroborada pelas concepções de Belter e colaboradores (1989), no sentido de que mesmo sendo o Teste de Bender um dos instrumentos mais utilizados na prática clínica de avaliação, ele é considerado inconsistente na maneira com que é corrigido. Eles relatam ao menos seis diferentes métodos de correção para os protocolos de adultos, que

têm sido desenvolvidos para o uso com o Bender.

Os autores acrescentam que o uso do Bender com crianças é similar ao uso com adultos, entretanto muitos métodos de correção apresentaram normas com crianças acima de 12 anos, enquanto outros incluem participantes de 15 anos em grupos de controle adultos e são usados primariamente para verificar o nível de desenvolvimento da maturidade percepto-motora. Em contraste ao trabalho realizado com adultos e crianças, alguns estudos têm desenvolvido pesquisas com o Bender com sujeitos com idades entre 12 e 17 anos.

Mesmo com posicionamentos opostos, outro estudo de avaliação de precisão com o sistema de correção de Koppitz para avaliação clínica em casos individuais, Svensson e Hill (1990) relatam que o valor do uso do Bender como ferramenta de diagnóstico clínico tem crescido significativamente. A riqueza de informações advindas dos protocolos do Teste de Bender fornece uma base excelente para um prognóstico clínico relativamente sutil, pois para eles, existe uma tendência a um diagnóstico gradual encontrado na literatura, abandonando a dicotomia “lesionado” e “não lesionado”. Para os autores uma das áreas de maior investigação na aplicação do Teste de Bender é com crianças e o instrumento aparece para delimitar entre fatores orgânicos e desenvolvimentais que as afetam. Afirmam, pois, que o sistema de correção de Koppitz por si só, não atende toda a dimensão do desenvolvimento e não define claramente as duas questões (orgânica e desenvolvimental).

Ainda no que se refere ao estudo, este contou com três protocolos de crianças com desordens e um de crianças normais, corrigidos por 12 avaliadores com experiências variadas no sistema de correção de Koppitz. Os avaliadores compararam o resultado dos protocolos corrigidos de acordo com o sistema Koppitz, separadamente do diagnóstico clínico, não encontrando conformidade significativa entre os escores das categorias e os diagnósticos clínicos feitos. Os autores concluíram que o sistema Koppitz possui uma boa precisão, corroborando resultados de muitos estudos.

Em seu estudo, Mallinger e Longley (1988) afirmam que o Teste de Bender é freqüentemente usado para avaliar crianças suspeitas de comprometimento em leitura por imaturidade percepto-motora. Utilizaram o Teste de Bender, sistema Koppitz, e compararam o desenho de crianças com incapacidade de leitura com outras do ensino elementar normal. Para isso utilizaram além do procedimento padrão de aplicação do instrumento (mostrando as figuras seqüencialmente e solicitando sua reprodução em papel liso), outro sistema de correção, o *Background Interference Procedure (BIP)*, que fazia uso de um papel não liso. A hipótese era de que os alunos na educação regular poderiam ser mais habilidosos que os alunos com incapacidade de leitura e que teriam menos erros com BIP. A análise dos dados indicou que os estudantes com incapacidade de leitura tiveram significativamente mais erros em ambas as aplicações, que os participantes sem comprometimento.

Foram encontrados resultados positivos com o uso do Teste de Bender com crianças com idades entre 5 e 11 anos com incapacidade de leitura. Malatesha (1986) realizou uma pesquisa com 42 crianças deficientes e normais averiguando se o Teste de Bender apresentaria diferença entre os grupos. Os resultados mostraram que o instrumento obteve êxito na diferenciação dos grupos e que crianças com comprometimento apresentaram mais erros que as classificadas como normais. O autor sugere que o Teste de Bender pode ser usado como instrumento diagnóstico para detectar incapacidade de leitura.

Um estudo de comparação entre o *Modified Version of the Bender-Gestalt Test* e o *Test of Visual-Motor Integration*, realizado por Moose e Brannigan (1997), com 50 crianças pré-escolares, entre meninos e meninas, obteve correlação significativa entre eles. Em um estudo anterior, Brannigan e Brunner (1993), comparam dois sistemas de correção, um qualitativo e outro de Desenvolvimento para a Versão Modificada do Bender com um teste de habilidade escolar. Como resultado o *Qualitative Scoring System* correlaciona-se significativamente mais com o *Otis-Lennon School Ability Test*, que com o de Koppitz. Do

Developmental Scoring System foram usados os critérios de distorção, integração, rotação e perseveração, enquanto que o sistema de correção de Brannigan, o *Qualitative Scoring System*, focou na pontuação total de cada figura.

Sisto, Bueno e Rueda (2003) também isolaram critérios de correção do sistema de Koppitz, utilizando apenas os critérios de distorção de formas e integração em um estudo que investigou as relações entre traços de personalidade e maturidade percepto-motora. Foram encontradas correlações significativas em relação a neuroticismo e algumas medidas de integração e o traço psicoticismo com medidas de distorção. Os resultados indicaram que algumas medidas discriminam grupos extremos de neuroticismo e psicoticismo. A tendência dos dados indicou que ao diminuir a integração percepto-motora, aumentou a pontuação em neuroticismo; assim como conforme aumentou a pontuação em psicoticismo, aumentou também a distorção de forma.

O sistema Koppitz de correção foi utilizado por Neale e McKay (1985), que encontraram problemas relacionados ao julgamento de erros de angulação em algumas figuras, identificando os mais discriminativos em relação à integração, distorção e substituição de figuras. Concluem que o sistema Koppitz, como anteriormente citado, é confiável, embora ressaltem que há pouca confiabilidade em separar os erros por categorias.

Em outro estudo utilizando o mesmo sistema de correção, Mazzeschi e Liz (1999), com crianças pré-escolares e do primário, provenientes do sul e do norte da Itália, tiveram por objetivo normatizar o sistema de correção para a amostra italiana. Um segundo objetivo foi o de estudar se existe relação entre diferenças culturais e desenvolvimento percepto-motor, entre os vários grupos étnicos. Existem estruturas familiares diferentes nas duas regiões; no norte, pais e mães compartilham a criação dos filhos, primando pela autonomia, enquanto no sul, a criação é uma tarefa materna, de tal sorte que a mãe representa a figura central para o desenvolvimento infantil. Os resultados da análise de variância indicaram que não houve

diferenciação entre sexo, região, idade e cultura. A única diferença encontrada entre meninos que obtiveram maior média de acertos na figura oito, em relação às meninas. As autoras sugerem cautela na interpretação desses resultados, pois os escores são baseados em dados normativos derivados de outra população.

Um estudo investigativo sobre a diferença entre sexos com o Teste de Bender foi realizado por Weinstein (1983) com 60 crianças de ambos os sexos de uma escola pública americana usando o sistema Koppitz de correção. Somente a categoria distorção de forma encontrou diferenças significativas na performance entre meninos e meninas, de forma que os meninos apresentaram uma maior dificuldade na execução de alguns desenhos.

Uma pesquisa realizada por McIntosh e colaboradores (1988) com dois diferentes sistemas de correção, o de Koppitz (*Developmental Scoring System*) e o de Lacks (adaptação do Sistema de Correção de Hutt-Briskin). Contou com uma amostra de adolescentes divididos em três grupos; um grupo controle, um com adolescentes com distúrbios emocionais e o último com adolescentes com retardo mental ou comprometimento neurológico. A principal diferença entre os dois métodos de correção que o sistema de Koppitz consiste numa lista com 30 possibilidades de erro, enquanto que no sistema de Lacks são apenas 12 possibilidades, sendo, segundo este, mais fácil e rápido de corrigir e que realmente diferenciaria pacientes psiquiátricos orgânicos e não orgânicos, de não pacientes em sujeitos adultos.

Os resultados da pesquisa indicaram que a pontuação decresce conforme aumenta a idade dos sujeitos para os três grupos estudados. Entretanto, os autores sugerem cautela no uso do sistema de correção com adolescentes, desenvolvido por Koppitz, pois a maturação percepto-motora, por esse prisma, deveria estar completa por volta dos 12 anos de idade e os resultados desse estudo indicam divergência, pois foi encontrado um número maior do que o esperado de adolescentes com erros em seus protocolos. Afirmam que o sistema Koppitz não

é indicado para o uso de diagnóstico psicopatológico, pois não se obteve diferença significativa entre os grupos de adolescentes normais dos com distúrbios emocionais.

Os resultados com o sistema de correção de Lacks também não se diferenciaram significativamente entre os grupos de adolescentes normais e os com distúrbios emocionais, assim como não apresentaram relação entre as variáveis psicopatologia e idade, da mesma forma como os sujeitos com déficits cognitivos apresentaram maior quantidade de erro conforme era esperado. Segundo o autor, isso evidencia que existe diferença significativa entre o grupo com distúrbios emocionais e normais, assim como diferencia entre os grupos de comprometidos neurologicamente e com retardo mental.

Nessa mesma pesquisa, foram encontrados escores bem maiores com adolescentes do sexo masculino, na idade de 13 anos, do que com adolescentes da mesma idade do sexo feminino. Porém, como esse resultado não se estendeu para outros grupos de idade, os autores sugerem que essa diferença não seja significativa. Ambos os sistemas de correção, para essa amostra normativa, em consequência da alta correlação, podem ser usados para avaliação de adolescentes. O estudo mostrou que existe relação entre habilidade cognitiva e maturidade percepto-motora.

Estudos com teste-reteste mostraram que o sistema de correção de Koppitz é confiável num período de duas semanas, porém a separação dos resultados por categorias diagnósticas, não. O Teste de Bender foi chamado de “notoriamente inconfiável” por Rufino, para o diagnóstico de lesão cerebral (Buckley, 1978). Koppitz (1987) defende-se, afirmando que o Bender parece ser de uma ajuda valiosa no diagnóstico de lesão cerebral em qualquer idade ainda que exista variação na função do Bender para adultos e crianças. Conclui que protocolos de lesionados cerebrais diferem significativamente de não lesionados, que não são pacientes psiquiátricos, mostrando uma maior imaturidade e traços mais primitivos.

Em uma pesquisa realizada por Buckley (1978) foram encontrados 23 estudos

pesquisados, focados na área de diagnóstico de lesão cerebral, comparando grupos lesionados de não lesionados. Desses, 11 estudos que consideraram como preditor individual, seis relataram resultados adequados à distinção entre os dois grupos e dois desses estudos não limitaram a população de 5 a 10 anos, segundo as normas estabelecidas por Koppitz. Somente quatro estudos, que encontraram suporte para diagnóstico individual, não usaram o sistema de pontuação de Koppitz. O autor relata que psicólogos consideram o Bender insuficiente para diagnóstico individual de lesão cerebral, com o uso deste sistema, devido a resultados imprecisos para esta finalidade.

Dentre os sistemas de correção mais aceitos, de acordo com Koppitz (1987), o de Pascall e Suttell, publicado em 1951, destacou-se para avaliação de pacientes psiquiátricos. Esse sistema foi proposto para adultos entre 15 e 50 anos de idade, de inteligência normal com maturidade e capacidade para perceber e reproduzir, sem erro, as figuras do Bender. Os autores consideram que o desempenho do sujeito no teste como um reflexo de suas atitudes diante da realidade, sendo a capacidade de desenhar figuras uma função integradora ou da sua “força do ego” e sugerem que a magnitude do score do Bender está relacionada com a gravidade da perturbação emocional.

Todos esses estudos eram voltados a pacientes psiquiátricos adultos ou com crianças deficientes e não se destinavam ao uso com crianças pequenas com inteligência normal. Os autores que se dedicaram a estudar crianças tiveram que desenvolver ou adaptar seus próprios métodos de avaliação e pontuação dos protocolos do Bender. Como resultado, a grande quantidade de sistemas era baseada em amostras restritas, sendo difícil comparar as diversas pesquisas devido à variedade de métodos utilizados nas respostas (Koppitz, 1987).

Baseado no enfoque projetivo, Hutt desenvolveu uma escala com 17 dimensões para avaliação psicopatológica para o Teste de Bender sendo derivado de dados empíricos e de sua experiência clínica. O sistema de correção de Hutt é descrito como fornecedor de

informações sobre adaptação individual, cognição, áreas de conflito e mecanismos de defesa. Sangster, Rogers e Searight (1993) afirmam que a validade da escala de psicopatologia de Hutt precisa ser mais investigada.

Nesse sentido, eles realizaram um estudo para verificar a correlação entre os cinco indicadores de hostilidade na Escala de Hutt e oito escalas de agressividade do *Interpersonal Behavior Survey (IBS)* de Mauger e Adkinson, com 46 estudantes de psicologia americanos. Os resultados indicaram correlações baixas, mas significativas entre duas dimensões da escala de Hutt e quatro da IBS. Os autores ressaltam, que o Bender empresta um modesto suporte para a mensuração da personalidade, com considerável cautela e, que a escala de Hutt, como instrumento projetivo de avaliação, precisa ser estabelecida.

Em um outro estudo, foi utilizado o *Hutt Adaptation of the Bender Gestalt Test*, que inclui a escala para avaliação psicopatológica, em uma pesquisa sobre o uso do instrumento Bender como método de avaliação da personalidade com adolescentes. Os resultados indicaram que o Teste de Bender revelou uma diferença significativa entre os grupos com retardo mental e comprometimento neurológico com o grupo de sujeitos normais e com distúrbios emocionais, embora não tenha havido diferença entre os grupos de idades distintas, exceto para o grupo de 12 anos. Concluíram então, que a hipótese não foi confirmada, qual seja, de que a escala de Hutt não diferencia entre o grupo controle e sujeitos com distúrbios emocionais.

Belter e colaboradores (1989) afirmam que a maior parte dos estudos sobre o Bender tem sido para diferenciar a precisão entre grupos clínicos psicopatológicos e com patologia orgânica cerebral em adultos, com a hipótese de que a escala de Hutt seria válida para distinguir entre os vários grupos clínicos e os normais. Em contraste com o grande desenvolvimento de sistemas de correção para adultos e crianças, poucos estudos se destinaram ao uso com adolescentes, com idades entre 12 e 17 anos. Embora alguns sistemas

de correção para adultos incluíam em suas amostras sujeitos com idades de 15 anos, um volumoso número de estudos, organizou suas amostras com participantes adultos.

Defende Hutt que sua escala seria apta para uma clara diferenciação entre grupos de controle normais, pacientes neuróticos, depressivos unipolar, esquizofrênicos e pacientes com comprometimentos orgânicos. A escala, contudo, não diferenciaria entre gênero ou idade, apenas teria uma baixa correlação entre inteligência de sujeitos adultos com deficiência mental (Belter & cols, 1989). Também o trabalho de Rossini e Kaspar (1987), indicam resultados nessa mesma direção, uma vez que a soma dos indicadores emocionais, diferenciam grupos controle de grupos com desordem de ajustamento e de comportamento, numa amostra de crianças de 7 a 10 anos de idade.

Monheit (1983), citado por Sangster, Rogers e Searight (1993), com a escala de Hutt, procurou examinar a discriminação entre adolescentes normais, com distúrbios emocionais e delinquentes. No entanto, a escala não distinguiu entre sujeitos com distúrbios emocionais e delinquentes no estudo de Rossini e Kaspar (1987) citado anteriormente, salvaguardando as diferenças de idades entre as amostras.

Um estudo de validade concorrente foi realizado por Lownsdale, Rogers e McCall, (1989), utilizando-se do sistema de correção de Hutt (*Configurational Analysis*) em comparação com o de Lacks, e com as escalas do *Minnesota Multiphasic Personality Inventory (MMPI)* para esquizofrenia e depressão. Os participantes foram 45 pacientes psiquiátricos, com idade média de 31 anos, representando as categorias de esquizofrenia, depressão e com comprometimentos neurológicos, sendo 15 de cada classe. O sistema de correção de Hutt requer apenas 10 minutos para corrigir cada protocolo, aparecendo como promissor para diferenciar esquizofrenia, depressão unipolar e comprometimento cerebral orgânico. Para diferenciar as três patologias seriam checados os critérios de rotação, distorção de ângulos, seqüência das figuras e distorção de forma. Todos os pacientes foram

diagnosticados anteriormente e separados em seus grupos. O segundo diagnóstico foi baseado nas escalas de esquizofrenia e depressão do instrumento MMPI e, finalmente, na escala para comprometimento cerebral de Lacks.

Os resultados indicaram que não foi encontrada nenhuma diferença significativa entre os resultados dos sistemas de Hutt e de Lacks para os pacientes com comprometimento cerebral, entretanto foram encontradas altas correlações entre depressão e comprometimento cerebral. Para esquizofrenia, depressão e comprometimento cerebral, ocorrendo juntos, os protocolos, sob a correção do sistema de Hutt foram obtidos evidência de validade, porém no que se refere somente a esquizofrenia, o sistema não a prediz. Os autores findam o estudo afirmando que não há razão para preferir o sistema de Lacks ao de Hutt, pois nenhuma diferença significativa foi obtida comparando os resultados de pessoas com comprometimento cerebral. Relatam que não foram encontradas diferenças significativas entre o sistema de Hutt e as escalas do MMPI.

Posada (2002), citado por Sisto, Noronha e Santos (2003), também buscou desenvolver uma forma alternativa de correção desenvolvendo um sistema de classificação das respostas fundamentado nos princípios piagetianos de construção e representação espacial. As análises estatísticas preliminares de sua classificação indicaram bons parâmetros psicométricos e vantagens em relação aos métodos clássicos de Koppitz. Para Belter e colaboradores (1989) o uso do Bender com crianças é similar ao com adultos e ressaltam que o sistema Koppitz é normatizado para este fim.

Ao aplicar a análise fatorial no sistema de correção proposto por Koppitz, Pineli Jr. (1990) observou a existência dos quatro fatores com consistência interna aceitável. Sugere, entretanto, que os itens precisam ser organizados de outra forma, principalmente no que se refere ao aumento no número de alguns fatores.

Sisto, Santos e Noronha (2003) realizaram um estudo de evidências de validade com o

Sistema de Koppitz utilizando o critério de integração das figuras do Teste de Bender, referentes ao seu caráter evolutivo, utilizando a correlação de Pearson na busca por índices significativos entre o número de pontos em integração e as idades das crianças. A esperada correlação negativa, entre idade e pontuação, com o critério integração, não foi verificada em todas as figuras. Essa análise não forneceu suporte para confirmar a presumida sensibilidade à maturação com os critérios utilizados para avaliar a integração.

No que se refere a publicações concernentes ao Teste de Bender, Buckley (1978) relata estudos para diferenciar crianças atípicas de crianças normais, na etiologia da surdez, com população normal e retardada, para indicadores neurológicos, envolvendo 23 estudos com pessoas normais e com comprometimento. O autor afirma que o Teste de Bender tem sido freqüentemente usado por psicólogos escolares para procedimentos de pesquisa. Afirma que muitos desses trabalhos têm relacionado o Bender com desempenho escolar e de leitura. Embora o instrumento seja considerado um preditor válido de desempenho escolar e de leitura, muitos estudos falham em confirmar isso com o Sistema de Correção de Koppitz. De 25 estudos nessa área, somente quatro consideram o instrumento válido para um diagnóstico individual. McKay e Neale (1985) completam que o Bender além do seu uso na mensuração de habilidades percepto-motoras tem sido usado também para predição acadêmica.

Nesse sentido, Buckley (1978), realizou um estudo dos 11 anos de publicações de pesquisas sobre o uso do Teste de Bender com crianças escolares, no qual cita um estudo de Keogh, o qual informou que o Bender consegue distinguir entre crianças normais e atípicas, porém não consegue separar claramente entre indicadores de imaturidade e psicopatologia. Em sua pesquisa, Keogh (citado por Buckley, 1978) relatou um volume de estudos, entre grupos de crianças normais e atípicas, afirmando que raramente se consegue o bastante para permitir uma predição individual concluindo que o Bender poderia ser usado como instrumento para medir maturação percepto-motora e desempenho em leitura. Conclui que a

maior parte das pesquisas com o Bender usa procedimentos de correção padronizados e seus resultados tanto em avaliações de grupo quanto individuais são quase os mesmos. Alguns métodos foram criados para serem usados em estudos com crianças pequenas como, diferenciação de problemas de leitura e comportamento, características de personalidade, respostas rápidas, níveis de desenvolvimento e disfunção cerebral.

O estudo de Nielson e Sapp (1991), afirma que o Teste de Bender é útil na predição de leitura e matemática confirmando os estudos de Koppitz. Eles avaliaram dois grupos de 153 crianças com idades que variam entre 6 a 12 anos as quais apresentaram peso normal e baixo peso ao nascer participaram de um estudo comparativo de crianças com seqüelas por nascimento com baixo peso. Os resultados da pesquisa indicaram que foi significativa a correlação entre os baixos resultados de crianças com baixo peso ao nascer no Teste de Bender e os baixos resultados em predição de leitura quando comparados com crianças com peso normal ao nascer.

Numa revisão de 32 artigos publicados nos Estados Unidos a respeito do Teste de Bender entre 1962 e 1981, Lesiak (1984) reuniu três áreas; a utilidade do Bender como preditor de leitura, a relação entre o Bender e realização em leitura numa mensuração concorrente e a habilidade do Bender em diferenciar bons e maus leitores. Os resultados indicam que para preditor de leitura, o Bender é adequado como realização em leitura o Bender foi insignificante assim como para diferenciar pessoas com comprometimento em leitura. O autor sugere que a continuidade do uso do Teste de Bender como parte da avaliação no diagnóstico e predição em leitura não é justificado.

Com o Teste de Bender, Finch, Spirito, Garrison e Marshall (1983) avaliaram a memória visual em crianças e pré-adolescentes com idades entre 6 e 16 anos com problemas de leitura e/ou comportamento. Os cartões foram todos mostrados, em seguida recolhidos e solicitado que reproduzissem as figuras conforme poderiam fazê-lo. Relatam estudos

apresentando, a existência de uma correlação positiva entre o aumento da idade dos sujeitos, inteligência e o número das figuras redesenhadas. O resultado deste estudo indicou que o número de figuras redesenhadas aumenta de acordo com a idade e a avaliação do Q.I. Este estudo mostrou que a avaliação da memória visual da criança pode ser feita pelo uso do Teste de Bender.

Em uma pesquisa num diferente contexto, Hilgert e Adams (1989) estudaram a correlação do Teste de Bender com o Teste da Figura Humana numa população de 55 crianças com idades variando entre 5 e 14 anos classificados com sérios problemas emocionais e de comportamento. A Figura um do Bender obteve significativa correlação com alguns aspectos na figura humana, contudo a correlação entre a média de pontos não foi significativa.

Outras pesquisas foram desenvolvidas relacionando o Teste de Bender com o Teste da Figura humana, entre eles os estudos de Bolton (1972) e Bolton, Donoghue e Langbauer (1973). Estes autores não encontraram correlação significativa entre os dois instrumentos enquanto Hilgert e Adams (1989), citados anteriormente, questionam o uso tanto do Teste de Bender quanto da Figura Humana para avaliação da afetividade usando os métodos tradicionais de correção.

Sob outra perspectiva, Buckley (1978) relata estudos os quais utilizaram o Bender para diferenciar populações economicamente mais pobres e minoritárias daquelas maiores e mais favorecidas usando as normas de correção de Koppitz. Todos os estudos indicaram menores médias para os grupos menores e menos favorecidos. Um estudo, contudo, não encontrou correlação significativa entre o Teste de Bender e melhora no resultado de QI com uma população de cidade do interior.

Nesta linha, alguns estudos com diferentes etnias, mostraram escores significativamente maiores para populações de pessoas brancas em declínio de populações

negras. Outros resultados, com normas estabelecidas, aparecem comparando os resultados do Bender de Mexicanos, com Mexicanos-Americanos, Americanos e Aborígenes da Austrália. Os resultados indicam que é necessário estabelecer normas comuns para diferentes grupos independente da cultura (Buckley, 1978).

Personalidade

Um dos primeiros questionamentos sobre personalidade data do grego Teofrasto, há mais de dois mil anos, que inquiria por que os gregos, vivendo sob o mesmo céu e recebendo a mesma educação teriam personalidades tão distintas. Os gregos chegaram a elaborar quatro descrições, as quais citadas ainda hoje, para classificar os tipos de comportamento; o melancólico, o colérico, o fleumático e o sanguíneo. Já nesta época eles buscavam justificativas biológicas para determinados tipos de personalidade (Eysenck, 1965, 1981).

A teoria da personalidade, num primeiro estágio, foi atribuída a Empédocles, do século V antes de Cristo, o qual afirmava que toda a natureza é composta de quatro elementos, quais sejam; ar, terra, água e fogo. Numa segunda época, Hipócrates, considerado o pai da Medicina, acredita que esta natureza como um todo deveria refletir-se também na constituição do homem (o macrossomo e o microssomo respectivamente). Admitiu-se que esses elementos são representados no corpo humano sob a forma dos quatro humores, e, se o humor predominasse no corpo, poderia se esperar uma predominância correspondente de um temperamento. No século II, já da era Cristã, o médico romano Galeno via os humores não apenas como fonte do temperamento, mas também das doenças (Allport, 1969).

A definição do termo personalidade ainda produz discussão, e esta falta de delimitação ou delimitações não muito claras, fomenta diversas propostas de teóricos, algumas sustentadas por hipóteses observáveis e medidas muito distintas (Sisto, 2004). Para Urquijo, (2000) o termo personalidade representa um perigo quando utilizado sem plena consciência de seus muitos significados. O problema principal para a definição do termo não é o fato de ter uma definição aceita por todos os cientistas, mas a passagem de uma definição popular a uma definição científica, mais rigorosa, Stagner & Solley, 1980, (citados por Sisto, Sbardelini & Primi, 2000).

Diversos autores desenvolveram suas teorias a respeito da origem do conceito de personalidade. Para Pinho e Guzzo (2003), todas as teorias da personalidade contêm três aspectos fundamentais, quais sejam; descrição, dinâmica e desenvolvimento da personalidade. As diferenças entre as diversas teorias aparecem na forma como respondem como as pessoas se diferem uma das outras; como se desenvolvem e como se pode entender a dinâmica que as motiva a agir de determinadas maneiras.

Apesar da personalidade ser um constructo da Psicologia bastante descrito na literatura, se sobressai por ser difícil sua definição e estudo. Muitos teóricos que abordam este tema, freqüentemente, ao apresentar suas idéias, rejeitam ou excluem outras visões desse constructo, dificultando ainda mais seu estudo. Contudo alguns aspectos da personalidade são de comum acordo entre alguns pesquisadores, quais sejam; as diferenças individuais são relativamente estáveis, a personalidade pressupõe uma adaptação do indivíduo ao mundo, boa parte da personalidade é genética e a personalidade inclui dimensões comportamentais e traços (Eysenck, 1974; Allen, 1997 citados por Pinho & Guzzo, 2003).

Muitas das teorias surgiram em ambiente clínico, para entender e tratar pessoas com problemas psicológicos; outras vieram de experimentos e observações controlados em laboratório. Essas pesquisas são, em geral, apoiadas por estudos breves do comportamento de um número relativamente grande de pessoas (Davidoff, 2001). Para este autor, as teorias se subdividem em alguns grandes grupos, como as Teorias Psicodinâmicas, as Fenomenológicas, as Teorias Disposicionais, Behavioristas. Existem as teorias que enfatizam a estrutura da personalidade (Teorias Estruturais), outros na realidade percebida. Frager e Fadiman (1986) citam ainda aquelas baseadas nas teorias orientais.

O atual projeto foi desenvolvido com a Escala de Traços de Personalidade para Crianças (Sisto, 2004), baseada principalmente na Teoria Estrutural de Traços Biológicos de Hans Eysenck, considerado o criador da teoria moderna da personalidade (Sisto, 2004).

Para Urquijo (2000), durante as últimas décadas, duas abordagens têm sido utilizadas nos esforços para definir a estrutura dos traços de personalidade e emoções. A primeira baseia-se no uso das técnicas de análise fatorial e a outra se centra na determinação da estrutura de todos os traços e emoções.

As Teorias dos Traços e de Tipos Psicológicos são consideradas Teorias Disposicionais. Os traços se referem a características singulares, incluindo aspectos do temperamento, motivação, ajustamento, capacidade e valores. É uma dimensão contínua ligando duas disposições opostas (extrovertido e introvertido, por exemplo) e a pessoa ocupa uma posição entre estes dois pólos (Davidoff, 2000).

O conceito de personalidade para Allport, que defendia o estudo qualitativo do caso individual e enfatizava as motivações conscientes e congruências do seu comportamento, se referiria à consistência do comportamento das pessoas ao longo do tempo e situações ao mesmo tempo em que explica sua singularidade. Ele também definiu traço, afirmando que eles têm mais do que uma existência nominal, que é mais generalizado do que um hábito, é dinâmico e pode ser avaliado empiricamente; ainda que é relativamente independente dos outros traço, não é sinônimo de julgamento moral ou social e que nenhuma teoria de traços pode ser verdadeira se não admitir e não explicar a variabilidade do comportamento de uma pessoa (Allport, 1969; Hall, Lindzey & Campbell, 2000; Pinho & Guzzo, 2003; Sisto & cols, 2004).

Allport (1969, 1970) afirma que dificilmente se encontra alguém que não concorde com a existência de traços como as unidades fundamentais da personalidade, discute que a linguagem diária os supõe, na descrição, por exemplo, das características pessoais de alguém. Embora, complementa, alguns autores se contentam com conceitos mais amplos, tais como, tendências, inclinações ou disposições.

A corrente de atividade de uma pessoa supõe que existe além de uma parcela variável, outra constante e é nessa parte constante que pousa o conceito de traço. O princípio básico do comportamento é sua corrente contínua, em que cada ato sucessivo representa uma mobilização de energia para um objetivo imediato, assim um determinado ato é o produto da interação de muitas forças determinantes e uma delas são constituídas pelos traços (Allport, 1969).

Allport (1969) cita algumas definições de traços de personalidade; em 1879, J. Betham relata que traços são é um tipo de entidade fictícia, suposta para a conveniência da linguagem, a fim de exprimir o que se supõe ser um quadro permanente da mente de um homem. Para M. A. May (1932), traços são apenas nomes convenientes, dados a tipos ou qualidades de comportamento que têm elementos em comum e que não são entidades psicológicas, mas categorias para a classificação de hábitos. F. Baungarten (1936) afirma que traço é uma força psíquica constante e diretiva, que determina o comportamento ativo e reativo do indivíduo; na definição de L.F. Shaffer e E.J. Shoben (1956) traços aparecem como uma dimensão ou aspecto da personalidade, e consiste de um grupo de reações consistentes e relacionadas que caracterizam os ajustamentos típicos de uma pessoa. Allport (1927) descreve o conceito de V.M. Cady, 1922 (citado por Allport, 1927) define traço como uma tendência para reagir que, quando, mensurado com precisão demonstra uma independência de outras variáveis.

Allport (1970) completa que o conceito de intencionalidade para enriquecer seus argumentos. Afirma que a intencionalidade é uma parcela importante da personalidade. As características intencionais representam a forma primária de um indivíduo orientar-se para o futuro, e como tais, elas selecionam estímulos, dirigem inibições, escolhas e tem uma significativa influência no processo de desenvolvimento para a maturidade. Para o autor,

filosoficamente, os valores são os extremos das nossas intenções, são nossas orientações pessoais que orientam e selecionam percepções, julgamentos e ajustamentos.

Muitos pesquisadores optam por não considerar a orientação dos traços como uma abordagem teórica sob a premissa de que traço de personalidade é um aspecto duradouro que influencia o comportamento, afirmando que ele serve mais como descritor das diferenças individuais do que como determinantes do comportamento. O conceito de Traço tem ocupado um lugar de destaque no domínio da avaliação da personalidade e seus estudos têm gerado modelos teóricos considerando fatores gerais da personalidade (Pinho & Guzzo, 2003).

Estes autores afirmam que a teoria dos Traços forneceria uma base para um paradigma coerente da teoria da personalidade na tradição da ciência natural. Ressaltam que a taxionomia de descritores não admite o conceito do traço como determinante do comportamento, mas como características que descrevem a personalidade. Gordon Allport usou o conceito de traço de duas maneiras; como descritores das diferenças individuais e como determinantes do comportamento, ele propôs que a unidade básica do comportamento é o traço e que estes são a causa dele (Pinho & Guzzo, 2003).

Na década de 30, Raymond Cattell começou a medir e a definir os principais traços de personalidade com aproximadamente 18.000 palavras da língua inglesa utilizadas para descrever pessoas. As expressões, já reduzidas para 200, foram analisadas por meio da análise fatorial e correlacionadas para verificar se as palavras-traços poderiam ser usadas da mesma maneira. Dezesesseis grupos de traços foram identificados e nomeados, por Cattell como traços originais. É atribuído a Cattell o desenvolvimento desta metodologia que permitiu agrupar, de forma objetiva, centenas de descritores de traços. Os procedimentos da análise fatorial levaram a conclusão de que são necessárias entre quatro e dezesseis dimensões básicas para descrever a estrutura da personalidade (Davidoff, 2001; Hutz & cols 1998; Urquijo, 2000).

Eysenck (1981) questiona como é possível medir a personalidade, para ele a primeira vista isto parece uma contradição falar em medida da personalidade. Responde que, de fato, não podemos medir a personalidade como tal, mas podemos medir aspectos diferentes da personalidade. Personalidade é um termo derivado do comportamento, e comportamento é por definição observável e mensurável. Urquijo (2000) complementam que a avaliação da personalidade é fortemente influenciada pela linha teórica adotada pelo pesquisador

Nos últimos anos tem-se adotado a idéia de que todos os traços podem ser descritos por uma das cinco dimensões da personalidade, o chamado modelo dos cinco fatores. Os traços têm sido nomeados de extroversão, agradabilidade, escrupulosidade, estabilidade emocional e abertura a experiência (Urquijo, 2000). Hutz e cols (1998) afirmam que o modelo dos Cinco Grandes fatores é uma versão moderna da Teoria de Traço a qual representa um avanço conceitual e empírico no campo da personalidade, descrevendo dimensões humanas básicas de forma consistente e replicável.

Retornando a Cattell, este adotou um posicionamento holístico, na qual personalidade é integrada por variáveis afetivas e cognitivas. Achava ainda que existem traços comuns que caracterizam todas as pessoas e traços únicos que caracterizam os indivíduos. Para ele personalidade é aquilo que permite uma predição do que uma pessoa fará em uma dada situação (Cattell, 1975; Urquijo, 2000).

As construções teóricas por traços e por tipos não são sistemas opostos; um traço pode ser concebido pela abstração da experiência de vários tipos. Concomitantemente, os tipos podem e devem ser fixados em termos de traços. A descrição da personalidade faz uso de tipos que, no seu sentido específico, implica em descontinuidade. Os tipos, então não seriam adequados para as descrições da personalidade, porque a maior parte dos traços é contínua. Por esta razão as definições e medida sobre personalidade são baseadas em traços e não em tipos. Estes por sua vez aparecem como configurações de medidas de traço (Cattell, 1975).

Após o desenvolvimento de sua teoria, Cattell, sofreu algumas críticas e soluções mais simples foram propostas ao seu modelo de 16 fatores primários e 8 de segunda ordem. Fiske (1949, citado por Hutz & colaboradores 1998) demonstrou que uma abordagem de cinco fatores era satisfatória utilizando 21 escalas bipolares de Cattell. Mesmo com essa crítica ao modelo de Cattell, a abordagem dos cinco fatores continuou a ser usado e os modelos desenvolvidos posteriormente não utilizaram uma solução de cinco fatores.

Outro pesquisador que muito contribuiu para o desenvolvimento da teoria de traços foi Hans Eysenck e sua Teoria de Traço Biológico. Afirma que a ciência não está interessada no evento único, e este pertence à história e não a ciência (Pervin, 1978). Ele propõe o estudo da personalidade sob dois aspectos; o primeiro descritivo ou taxionômico, enfoca os estabelecimentos de unidades a serem utilizadas para resumir as maneiras pelas quais os indivíduos diferem. O segundo aspecto refere-se aos elementos causais o qual ele reconhece o papel crítico desempenhado pela aprendizagem e pelas forças do ambiente, mas relata que é importante explicar que o efeito causado por uma dada situação varia para cada indivíduo. Um fato importante de sua teoria era a relevância dada ao substrato biológico do indivíduo, para Eysenck existiria uma cadeia causal, em que nosso componente biológico é responsável pelas diferenças individuais em dimensões fundamentais da personalidade (Hall, Lindzey & Campbell, 2000).

Eysenck (Hall, Lindzey & Campbell, 2000) então focaliza uma dimensão biossocial da personalidade e focaliza dimensões biológicas da personalidade. Para defender seu ponto de vista, Eysenck argumenta que alguns fatores emergiram consistentemente em pesquisas da estrutura da personalidade em culturas amplamente distintas e os indivíduos tentem a manter suas posições, nessas dimensões ao longo do tempo. O funcionamento característico do sistema nervoso central predispõe os indivíduos a responder de certas maneiras ao ambiente.

É com esta base que foi construída a Escala de Traços de Personalidade para Crianças utilizado nesta pesquisa a qual será detalhada posteriormente.

Em seu estudo original, Eysenck (1998) os resultados indicaram duas dimensões básicas, Extroversão-Introversão e Neuroticismo-Estabilidade. Posteriormente foi estabelecida uma terceira dimensão, o Psicoticismo. Foram estabelecidas essas dimensões e Inteligência, como a única cognitiva. Essas dimensões referem-se a pólos extremos e as pessoas variam entre um ponto e outro (Pervin, 1978).

Para Eysenck (1998), o conceito de traço expressa um nível de organização de comportamento que vai além dos atos específicos de comportamentos ou respostas habituais e são definidos em termos de conjuntos intercorrelacionados de respostas habituais. Seu trabalho gerou um volume significativo de pesquisas experimentais e seus estudos também foram baseados na análise fatorial, a exemplo de Cattell, com o método de análise de critério. Este método tem por finalidade reduzir a natureza arbitrária do processo de denominação de fatores (Herriot, 1976).

Este autor propôs dois modelos explicativos para a questão dos traços, o primeiro é de 1957 e relata a distinção entre os traços introversão e extroversão analisando sob a ótica das diferenças no sistema nervoso central em níveis de processos neurais inibitórios e excitatórios. O segundo modelo data de 1967 e explica as diferenças entre introversão e extroversão em termos de níveis de excitação cortical e neuróticos e estáveis em termos de níveis de ativação cerebral visceral (Eysenck, 1998; Sisto, 2004).

Eysenck (Sisto, 2004) manteve as distinções entre processos neurais excitatórios e inibitórios como a base da diferença entre indivíduos introvertidos e extrovertidos, mas explicou-as de outra maneira. Propôs que os extrovertidos são caracterizados por mais processos neurais excitatórios, e os introvertidos caracterizados por mais processo inibitórios neurais (Eysenck, 1998).

Em 1967, Eysenck apresenta seu segundo modelo causal que se distingue do primeiro em três aspectos; inicialmente, ele relaciona diferenças entre introvertidos e extrovertidos às distinções entre em *níveis de excitação* ao invés de *excitação- inibição*, localizando as estruturas do sistema nervoso central onde ocorrem estas diferenças. A seguir, ele oferece uma explicação neurológica para as diferenças de neuroticismo-estabilidade. Por último, descreve um relacionamento curvilíneo entre a intensidade da estimulação externa e o grau de excitação cortical com curvas diferentes para introvertidos e extrovertidos, relacionando estas (últimas) diferenças a níveis de atividade no sistema ativador reticular ascendente. Neste modelo, os introvertidos são postulados como mais excitados e mais excitáveis que os extrovertidos. Para Eysenck (Hall, Lindzey & Campbell, 2000) os introvertidos são arredios diante de estímulos enquanto que os extrovertidos são *famintos* por estímulos.

O modelo de Eysenck (Sisto, 2004) para personalidade possui três características definidoras. De início se baseia em uma descrição hierárquica do componente temperamental da personalidade em termos de traços específicos além das três dimensões tipológicas gerais de psicoticismo, extroversão e neuroticismo. O autor especifica, então, um sistema descritivo tridimensional da personalidade. Segundo, o autor dá uma explicação causal para diferenças observadas nas três tipologias e seus traços componentes, em termos de características neurológicas subjacentes. Por último este modelo é estruturado de uma maneira que permite testes experimentais de hipóteses derivadas, confirmando ou não as hipóteses.

Apesar de determinadas por fatores neurofisiológicos as dimensões tipológicas são independentes. Eysenck estudou mais as dimensões extroversão e neuroticismo, anos mais tarde foram incluídas as outras dimensões psicoticismo e dissimulação social. Ele levantou, em 1957, a possibilidade de uma terceira dimensão, independente de extroversão e

neurocitismo e em 1969 propôs o outro modelo, já descrito anteriormente, com a inclusão psicoticismo (Sisto, 2004).

Nas décadas de 60 e 70, Eysenck e colaboradores, caracterizaram um quarto fator estável da personalidade a qual denominaram de primeiramente de mentira (lay) e mais tarde de dissimulação em face da alta possibilidade das respostas serem facilmente falseadas.

A última escala introduzida em seu questionário foi a de conduta anti-social. Esta introdução se deu ao fato de que os estudo indicavam que os delinqüentes diferiam dos sujeitos não delinqüentes nas três variáveis tidas como fundamentais, que era neuroticismo, extroversão e psicoticismo. A escala anti-social foi uma combinação das outras três (Sisto, 2004).

Com relação a ETPC, alguns estudos com a Escala de Traços de Personalidade para Crianças (ETPC) forneceram evidências de validade para o instrumento. O de Bazi, 2003, (citado por Sisto, 2004) foi realizado com 602 crianças do ensino fundamental com idades variando de 8 a 10 anos. O ETPC foi usado com o instrumento ADAPE que avalia o nível de dificuldade de aprendizagem. A hipótese levantada pelo autor era que crianças com maiores níveis de dificuldade de aprendizagem apresentariam maiores níveis de neuroticismo e que crianças com alto nível de dificuldade de aprendizagem apresentariam baixos níveis de extroversão. Os dados indicaram que não ocorreu resultado significativo entre dificuldade de aprendizagem e o Traço de Personalidade Neuriticismo, contudo indicaram que conforme aumenta o nível de dificuldade de aprendizagem diminuiu a intensidade do Traço Extroversão.

Pacheco (2003, citado por Sisto, 2004) conduziu seu estudo com 123 crianças do ensino fundamental. Seu objetivo era saber se os aspectos psicossociais diferenciavam os alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem na escrita dos que não apresentaram. Novamente foram utilizados o ETPC e o ADAPE e concluindo que crianças com dificuldades

de aprendizagem acentuada apresentam altas pontuações no traço neuroticismo e baixas em sociabilidade.

Outro estudo verificando as relações a Escala de Personalidade para Criança e o teste de cores de Lüscher realizado por Sisto, Pacheco, Guerrero e Urquijo (2001, citado por Sisto, 2004) com 343 estudantes com idades variando entre cinco e sete anos concluiu que quando aumentam a intensidade dos conflitos emocionais aumentam também os indícios de psicoticismo enquanto que conforme aumentam os indícios de neuroticismo, diminui a intensidade dos conflitos emocionais. Nenhum dos estudos, anteriormente citados com a ETPC, investigou as relações sociais estabelecidas em grupo ou no grupo onde a criança vive, mesmo utilizando a concepção de personalidade indicando que há uma interação entre o psiquismo e o meio social e a personalidade como produto dessa interação.

Existem alguns pesquisadores que procuram correlações entre distorções ou sinais na figura do Bender e características de personalidade. Muray e Roberts (1995), citados por Sisto, Bueno e Rueda (2003), relataram os resultados para a validade do Bender como medida de personalidade restrita e expansiva.

O estudo de Sisto, Bueno e Rueda (2003), relacionando os dois instrumentos, objetivou pesquisar as relações entre traços de personalidade e maturação percepção-motora, sobretudo no que se refere às categorias de distorção de forma e integração. Participaram desse estudo 344 crianças com idades variando entre 6 e 12 anos. Os resultados indicaram que conforme diminui a integração nas figuras, aumenta a intensidade do traço neuroticismo e que a não interação também faz parte do traço de psicoticismo.

O estudo mostrou também que quanto maior a pontuação em distorção de forma, maior foi a intensidade do traço psicoticismo. A personalidade, para esses autores, envolveria componentes orgânicos e herdados, tal como o sistema límbico, assim como componentes socioculturais (lazer, hábitos, crenças, atitudes, ideais e autoconceito) e produtos de

aprendizagem.

Embora o presente projeto se assemelhe ao estudo destacado anteriormente, vale ressaltar que suas diferenças pautam em seu sistema de correção. Esse estudo utilizou o sistema de correção de Koppitz (1975), enquanto que o atual projeto usará o Sistema de Pontuação Gradual de Sisto, Noronha e Santos (2005).

OBJETIVOS

O objetivo dessa pesquisa foi estudar a relação entre maturação percepto-motora e traços de personalidade, bem como verificar diferenças entre as médias dos participantes no Teste de Bender – SPG e na Escala de Traços de Personalidade para Crianças com relação aos sexos masculino e feminino, entre as séries, idades e escolas. Objetivou, ainda, verificar as frequências e porcentagens das pontuações totais do Teste de Bender (B-SPG) e dos Traços de Personalidade Extroversão, Psicoticismo, Neuroticismo e Sociabilidade. Foi verificada as diferenças entre as médias de Grupos Extremos em relação ao sexo, séries, idade e diferentes escolas.

CAPÍTULO II – MÉTODO

Participantes

O estudo foi desenvolvido em duas escolas da rede pública (71%) e duas da rede particular (29%) de ensino, de duas cidades do interior do Estado de São Paulo. Somou-se uma amostra de 162 crianças da primeira (27,2%), da segunda (28,4%), da terceira (25,3%) e da quarta série (19,1%). Os alunos foram de ambos os sexos, sendo 94 meninos (58%) e 68 meninas (42%), com idades variando de 7 a 10 anos, com média de 8,56 e Desvio Padrão de 1,14.

Instrumentos

Teste de Bender – Sistema de Pontuação Gradual

(Sisto, Noronha & Santos, 2005)

O Teste de Bender – SPG consiste de nove figuras (Anexo 1) as quais são apresentadas de maneira individual. Estes deverão observá-las e depois copiá-las na seqüência em que aparecem sem qualquer auxílio mecânico, tais como régua, esquadros ou apoiar um lápis no outro para servir como régua.

De acordo com o Teste de Bender- SPG, desenvolvido por (Sisto, Noronha & Santos, 2005) foi atribuída uma pontuação gradual para cada item, conforme a presença de desvios em cada uma das figuras do mesmo. A pontuação varia de zero até 21, sendo que são pontuados somente os erros, de tal forma que, quanto maior o número de pontos, pior o desempenho da criança no instrumento. Os erros são pontuados de um até três, dependendo

da figura e o critério utilizado foi somente Distorção da Forma que consiste no participante copiar a figura diferente da sua forma original.

Escala de Traços de Personalidade para Crianças

Sisto, (2004)

A construção e validação fatorial da Escala de Traços de Personalidade para Crianças (ETPC) de Sisto (2004) contou com duas etapas e com pessoas diferentes até chegar a sua forma definitiva. No primeiro estudo procurou-se extrair do instrumento inicial os componentes principais da estrutura subjacente e no segundo estudo, buscou-se a confirmação da estrutura anteriormente definida com outros participantes.

Para o estabelecimento da fidedignidade foram realizados estudos de teste-reteste, precisão temporal por escala, precisão temporal por item e intercorrelação das escalas. Outros estudo de validade já foram anteriormente citados.

O instrumento ETPC foi originalmente padronizado para crianças de 5 a 10 anos, para aplicação em grupo, e descreve as pessoas com traço de personalidade psicoticismo como aquelas que possuem uma certa despreocupação em relação aos outros, são solitárias, e criam problemas. Tem tendências a serem cruéis, desumanas e insensíveis; mostram-se hostis até com os mais íntimos; apresentam inclinações por coisas raras e extravagantes; depreciam o perigo e sentem prazer em perturbar os outros.

O traço extroversão pode ser responsável pela dimensão responsável pela impulsividade. Aqui são encontradas pessoas descritas como impulsivas, despreocupadas, agressivas, em busca de sensações, otimista, espontânea e aberta para as relações interpessoais. Normalmente são pessoas dominantes, aventureiras, gostam de grosserias, e de farras. Perdem facilmente o sangue frio e nem sempre são pessoas confiáveis; apesar disso

tendem a serem pessoas sociáveis, assertivas, vivazes, ativas e animadas. Tem muitos amigos, gostam de conversar e não gostam de ler e estudar sozinhas.

O traço de personalidade neuroticismo estaria relacionado a pessoas ansiosas, depressivas, com sentimento de culpa, baixa auto-estima, tímidas, melancólicas, tristes, temerosas, nervosas, inquietas e emotivas. São pessoas em constante preocupação e sujeitas a oscilações de humor e depressões, em outras palavras com forte instabilidade emocional. No traço descrito como sociabilidade, a criança consegue se adequar às regras sociais.

Para se chegar à forma definitiva da escala, dois estudos foram realizados (Sisto, 2004). Inicialmente, procurou-se extrair do instrumento inicial os componentes principais da estrutura de base. Em seguida buscou-se a confirmação da estrutura definida anteriormente com outros participantes para o estudo.

No primeiro estudo participaram 635 sujeitos (52,3% meninos), com idades entre 5 e 10 anos, da pré-escola à quarta série, de escolas do interior do Estado de São Paulo. O instrumento utilizado inicialmente foi uma tradução-adaptação do Cuestionário de Personalidade para Niño de Hans J. Eysenck e Sybil B. G. Eysenck (1997, citado por Sisto, 2004). Suas respostas foram estudadas obtendo-se uma média de 7,43 e desvio padrão de 1,71. Foi realizada uma análise fatorial para todos os 81 itens da prova, na qual forneceu 28 fatores, explicando 58,31% da variância com valores bons para o coeficiente de consistência interna de Cronbach ($\alpha = 0,85$) e o método das duas metades de Spearman-Brown (0,81).

Foram extraídos inicialmente cinco e após quatro fatores, o que não manteve a configuração dos itens por traços. Sendo assim foram encontrados itens que caracterizassem os Traços de Personalidade de crianças, para manter a mesma definição e operacionalização dos traços de Eysenck. Os itens foram eliminados para manter os quatro fatores mais demarcados sendo eles, Psicoticismo, Neuroticismo, Extroversão e Sociabilidade. Chegou-se

a 30 itens com medida de adequação da amostra Kaiser-Meyer-Olkin (KMO=0,761) e o teste de esfericidade de Barklett ($\chi^2=7639,464$, gl=3240 e p=0,000). O coeficiente de consistência interna de Cronbach forneceu um alfa=0,76.

No segundo estudo comprovou-se os quatro fatores e as análises indicaram 49,294% da variância, sendo que a distribuição dos itens pelos fatores tiveram cargas fatoriais superiores a 0,40.

Procedimento

Para a coleta de dados, após a aprovação do projeto pelo Comitê de Ética da Universidade São Francisco, foi realizado um contato com as direções das instituições de ensino, quando foi apresentado o objetivo do estudo a fim de obter a autorização e o apoio para a aplicação do instrumento. Foi solicitada aos pais ou responsável pelos infantes, a autorização por meio do Termo de Consentimento (Anexos 4 e 3), para a participação dos mesmos na pesquisa. Foi enviado o termo, por intermédio do próprio aluno, esclarecendo a forma de participação, orientando também a respeito dos objetivos do estudo, bem como ausência de prejuízos decorrentes da não-participação. Só participaram do estudo os alunos que entregaram o termo de consentimento cujos responsáveis permitiram a sua participação na pesquisa. A aplicação do instrumento foi realizada no próprio ambiente escolar, aplicado coletivamente nas classes, com no máximo de quarenta crianças, em horário escolar.

Inicialmente foram esclarecidas as instruções e um breve contato com os participantes foi feito. Cada aluno recebeu uma folha em branco de um lado, para copiar as figuras, e do outro, com sua identificação e um quadro para correção, para aplicação do Teste de Bender SPG e em seguida as figuras foram apresentadas sequencialmente. Após o termino do primeiro instrumento, o segundo foi aplicado. Cada afirmativa foi lida em voz alta pelo

aplicador, que forneceu tempo suficiente para que cada participante assinalasse as respostas escolhidas. O tempo médio de aplicação dos dois instrumentos variou de 20 a 25 minutos.

Para esta coleta de dados foram utilizados cartazes impressos com as figuras de forma que pudessem ser vistas a distância. Este procedimento foi adotado em virtude da falta de equipamento de projeção nas escolas públicas.

CAPÍTULO III – RESULTADOS

Os resultados serão apresentados inicialmente com a Frequência e Porcentagem das figuras do Teste de Bender – SPG e dos Traços de Personalidade. Na seqüência aparece a comparação com as médias dos participantes do Teste de Bender – SPG e do Traço de Personalidade. Os estudos de correlação serão abordados no final.

No resultado total das figuras nos protocolos no Teste de Bender, no qual a maior pontuação indica um pior desempenho, os participantes obtiveram um resultado médio de 7,60 sendo que apenas um aluno, de 10 anos (0,6%), não pontuou em nenhuma das figuras, o que indica um melhor desempenho (pontuação zero) e também um aluno, com sete anos de idade, obteve 19 pontos nas figuras, sinalizando um desempenho ruim já que o máximo de pontos que se pode obter nas figuras é 21. A Tabela 1 mostra que, nesta amostra, que as pontuações médias giraram em torno de 4 a 7, representando 11,1% da amostra.

Tabela 1. Frequências das pontuações totais do Teste Bender – SPG

Pontuação	Frequência de alunos	Porcentagem
0	1	0,6
1	5	3,1
2	8	4,9
3	11	6,8
4	18	11,1
5	15	9,3
6	14	8,6
7	18	11,1
8	11	6,8
9	13	8,0
10	9	5,6
11	8	4,9
12	8	4,9
13	6	3,7
14	6	3,7
15	5	3,1
16	1	0,6
17	2	1,2
18	2	1,2
19	1	0,6
Total	162	100,0

Os Traços de Personalidade foram pontuados para uma melhor visualização nas tabelas que seguem. A pontuação 1 corresponde a ocorrência do traço em menos de 25% da pontuação total daquele indivíduo avaliado; 2 significa 25% da pontuação geral; 3 menos de 50%; 4 indica 50%; 5 se refere a menos de 75% enquanto que 6 indica 75%. E finalmente 7 nos diz que mais de 75% da pontuação total desse protocolo refere-se a um determinado traço de personalidade.

TABELA 2. Frequência e Porcentagem do Traço de Personalidade Extroversão

Pontuação	Frequência	Porcentagem
- 25% 1	11	6,8
25% 2	15	9,3
-50% 3	13	8,0
50% 4	3	1,9
-75% 5	1	0,6
75% 6	6	3,7
+75% 7	113	69,8
Total	162	100

A Tabela 2 mostra que das 162 crianças participantes dessa pesquisa, 11 obtiveram pontuação mínima no Traço de Personalidade Extroversão, correspondendo a 6,8% da amostra, e a grande maioria conseguiu a maior pontuação (75%), num total de 113 alunos (69,8%). O Traço Extroversão foi predominante para esta amostra.

TABELA 3. Frequência e Porcentagem do Traço de Personalidade Psicoticismo

Pontuação	Frequência	Porcentagem
- 25% 1	108	66,7
25% 2	20	12,3
-50% 3	10	6,2
50% 4	13	8,0
-75% 5	3	1,9
75% 6	4	2,5
+75% 7	4	2,5
Total	162	100

Em contrapartida no Traço de Personalidade Psicoticismo somente para quatro sujeitos, obteve pontuação máxima (mais que 75% dos pontos totais), correspondendo apenas

2,5% de todo o grupo amostrado. A Tabela 3 mostra ainda que a maioria das crianças ($F=108$; 66,7%) obteve a pontuação abaixo dos 25% para este traço.

TABELA 4. Frequência e Porcentagem do Traço de Personalidade Neuroticismo

Pontuação	Frequência	Porcentagem
- 25% 1	30	18,5
25% 2	22	13,6
-50% 3	20	12,3
50% 4	42	25,9
-75% 5	8	4,9
75% 6	24	14,8
+75% 7	16	9,9
Total	162	100

Para o Traço de Personalidade Neuroticismo, dentro da Escala de Traços de Personalidade para Crianças, 30 sujeitos tiveram a mínima pontuação, correspondendo a 18,5% enquanto apenas 9,9% ($N=16$) obtiveram a maior pontuação possível. A média (50%) da pontuação, foi obtida por 42 sujeitos correspondendo a 25,9%. A Tabela 4 nos ajuda a visualizar esses dados.

TABELA 5. Frequência e Porcentagem do Traço de Personalidade Sociabilidade

Pontuação	Frequência	Porcentagem
- 25% 1	10	6,2
25% 2	17	10,5
-50% 3	9	5,6
50% 4	18	11,1
-75% 5	15	9,3
75% 6	31	19,1
+75% 7	62	38,3
Total	162	100

A Tabela 5 apresenta os participantes ($N=10$; 6,2%) que obtiveram pontuação mínima, abaixo dos 25%, para o Traço de Personalidade Sociabilidade.

Com o Teste de Bender – SPG, a comparação entre as médias de crianças em relação ao sexo, foi observado que não ocorreu diferença significativa ($t=-1,424$; $p=0,156$). A Tabela 6 nos mostra que a média dos meninos foi de 7,21 e das meninas 8,15.

TABELA 6. Comparação entre as médias de crianças de diferentes sexos no Teste de Bender – SPG com o teste t de Student

Sexo	N	Média	DP
Masculino	94	7,21	4,34
Feminino	68	8,15	3,80

Neste teste as maiores pontuações revelam que a maturação percepto-motora ainda não está totalmente definida, indicando um maior número de erros em cada figura e, conseqüentemente, na pontuação final. Posto isso, então, as meninas saíram-se pior que os meninos nesta amostragem.

TABELA 7. Comparação entre as médias de crianças de diferentes escolas no Teste de Bender – SPG com o teste t de Student

Escola	N	Média	DP
Pública	115	7,72	4,28
Particular	47	7,32	3,78

Na comparação entre a média dos alunos de diferentes escolas com o Teste de Bender – SPG, pode-se notar que também não ocorreu diferença estatisticamente significativa entre alunos das escolas públicas e particulares ($t=0,561$; $p=0,575$). Os alunos das escolas públicas obtiveram uma média maior (7,72) em relação aos participantes das escolas particulares com

média de 7,32. O desempenho de alunos da rede particular de ensino foi melhor conforme a Tabela 7.

TABELA 8. Comparação entre as médias de crianças em diferentes idades no Teste de Bender – SPG com a ANOVA

Idades	N	Média	DP
7	38	10,50	4,30
8	42	8,64	3,82
9	36	6,25	3,24
10	46	5,33	3,10

Ao compararmos as médias de crianças com diferentes idades no Teste de Bender – SPG é possível verificar que os alunos com idade de 10 anos obtiveram um resultado melhor que os de sete anos. As crianças de dez anos obtiveram resultado médio de 5,33 enquanto os de sete anos 10,50, comprovando-se na análise de variância, em que as médias diferiram significativamente [$F(3; 162)=3; p=0,000$]. Na Tabela 8 facilita a verificação da existência de uma tendência à diminuição dos erros nos protocolos conforme aumenta a idade das crianças, indicando um desempenho dentro do esperado, pois quanto mais a criança cresce e se desenvolve melhora sua maturidade percepto-motora e, conseqüentemente diminui a incidência de erros na cópia das figuras. O Teste Tukey, (Tabela 9) dividiu os resultados em dois grupos ficando as idades de 10 e 9 anos, com as menores médias e o outro com oito e sete anos com desempenho pior.

TABELA 9. Comparação entre médias entre a pontuação total do Teste de Bender – SPG e idade com o Teste de *Tukey*

IDADE	N	Pontuação total Bender - SPG	
		1	2
10	46	5,33	
9	36	6,25	
8	42		8,64
7	38		10,50

TABELA 10. Comparação entre as médias de crianças em diferentes séries no Teste de Bender – SPG com a ANOVA

Série	N	Média	DP
Primeira	44	10,50	4,46
Segunda	46	8,07	3,43
Terceira	41	6,24	3,22
Quarta	31	4,61	2,70

A comparação das médias entre as séries dos participantes da pesquisa também revelou, como esperado, que conforme os alunos vão sendo aprovados de uma série à outra, seu escore nos protocolos do Teste de Bender – SPG têm um desempenho melhor. Isso corrobora com os resultados analisados anteriormente. Na Tabela 10 foi observado que os alunos da primeira série obtiveram maior média no resultado final de suas figuras (10,50) em oposição com os da quarta série (4,61), sendo observado na análise de variância [$F(3; 162)=3; p=0,000$], a qual a diferença foi significativamente diferente. Normalmente mais velhos, os alunos desta última série saíram-se melhor que os da primeira, normalmente mais jovens. Nesta comparação, o Teste Tukey (Tabela 11) dividiu o resultado em três grupos com um elemento em comum entre dois deles, sendo este os alunos da terceira série. O primeiro grupo com a quarta e terceira séries e menores médias, o segundo com a terceira e segunda séries e o último com a primeira série.

TABELA 11. Comparação entre médias entre a pontuação total do Teste de Bender – SPG e série com o Teste de *Tukey*

SÉRIE	N	Pontuação total Bender - SPG		
		1	2	3
4	31	4,61		
3	41	6,24	6,24	
2	46		8,07	
1	44			10,50

A comparação entre as médias das crianças foi feita em relação ao sexo, escola, série e idade com cada Traço de Personalidade. Para sexo e escola utilizou-se o teste *t* de Student enquanto que para série e idade foi usada a Anova.

TABELA 12. Comparação entre as médias de crianças de diferentes sexos nos Traços de Personalidade Extroversão, Psicoticismo, Neuroticismo e Sociabilidade com o teste *t* de Student

Traços	Masculino			Feminino			<i>t</i>	<i>p</i>
	N	Média	DP	N	Média	DP		
Extroversão	94	5,65	2,26	68	5,78	2,00	-0,380	0,704
Psicoticismo	94	1,90	1,50	68	1,74	1,37	0,712	0,477
Neuroticismo	94	3,36	2,05	68	4,15	1,70	-2,577	0,011
Sociabilidade	94	4,98	1,98	68	5,44	2,00	-1,461	0,146

Os meninos obtiveram uma média menor em relação às meninas quando comparados no Traço de Personalidade Extroversão. A Tabela 12 indica que, para este traço a pontuação dos meninos teve um resultado médio de 5,65 em relação 5,78 das meninas, a qual não diferenciou-se significativamente. Para o Traço de Personalidade Psicoticismo, ao contrário do anterior, alunos do sexo masculinos tiveram 1,90 de média enquanto as alunas

obtiveram média de 1,74, porém, o teste *t* de student verificou que também não houve diferença significativa. O único traço em que apresenta uma diferença significativa entre os sexos, foi para o Traço de Personalidade Neuroticismo sendo que a média das meninas foi maior que a dos meninos, quais sejam, os meninos tiveram uma média de 3,36 enquanto as meninas 4,15. Com relação ao Traço de Personalidade Sociabilidade, não verificou-se a diferença entre as médias dos sexos, mesmo as crianças do sexo feminino apresentam uma média um maior.

TABELA 13. Comparação entre as médias de crianças de diferentes escolas nos Traços de Personalidade Extroversão, Psicoticismo, Neuroticismo e Sociabilidade com o teste *t* de Student

Traços	Pública			Particular			<i>t</i>	<i>p</i>
	N	Média	DP	N	Média	DP		
Extroversão	115	5,97	2,03	47	5,06	2,31	2,460	0,015
Psicoticismo	115	1,65	1,36	47	2,28	1,70	-2,462	0,015
Neuroticismo	115	3,77	2,03	47	3,49	1,74	0,843	0,400
Sociabilidade	115	5,40	1,84	47	4,62	2,25	2,296	0,023

Em relação à escola, no Traço de Personalidade Extroversão, a diferença entre as médias de alunos da escola pública e particular, foi significativa, já que os participantes da Pública obtiveram uma média maior, que os da Particular conforme observa-se na Tabela 13. No Traço de Personalidade Psicoticismo, os alunos que obtiveram maior média foram os da escola particular com média de 2,28 em relação aos da escola pública com média de 1,65. Também observa-se na Tabela 11, que houve uma diferença significativa entre essas médias. No que se refere ao Traço de Personalidade Neuroticismo também se destaca dos demais, tal como ao ocorrido nas comparações entre traços e sexo. Neste caso foi o único traço que não obteve diferença significativa entre alunos das escolas particular e pública. Pode-se observar

também, na Tabela 11 que a média, dos participantes das escolas particulares foi de 3,49 e dos das escolas públicas foi de 3,77. Ainda referindo-se a Tabela 13 vê-se que a comparação entre os alunos das escolas particulares e públicas mostrou uma média maior aos da pública no Traço de Personalidade Sociabilidade, sendo que a diferença foi significativa com a média dos alunos das escolas públicas de 5,40 e 4,62 dos da particular.

TABELA 14. Comparação entre as médias de crianças de diferentes séries no Traço de Personalidade Extroversão com a ANOVA

Série	N	Média	DP
Primeira	44	3,57	2,28
Segunda	46	6,07	1,93
Terceira	41	6,66	1,22
Quarta	31	6,94	0,36

No que se refere à análise das diferenças de médias quanto às séries escolares com o Traço de Personalidade Extroversão os resultados revelam, diferença significativa [$F(3; 162)=3; p=0,000$], conforme Tabela 14, que os alunos da primeira série obtiveram menor média em relação às outras séries. Foram 3,57 contra 6,94 dos alunos da quarta série. O Teste Tukey (Tabela15) separou as séries em dois grupos, o primeiro apenas com alunos da primeira série e o segundo grupo, com a maior média, com a segunda, terceira e quarta séries nesta ordem crescente.

TABELA 15. Comparação entre médias entre o Traço de Personalidade Extroversão e série com o Teste de *Tukey*

Série	N	Traço Extroversão	
		1	2
1	44	3,57	
2	46		6,07
3	41		6,66
4	31		6,94

TABELA 16. Comparação entre as médias de crianças de diferentes séries no Traço de Personalidade Psicoticismo com a ANOVA

Série	N	Média	DP
Primeira	44	2,68	1,74
Segunda	46	1,72	1,52
Terceira	41	1,37	0,99
Quarta	31	1,42	1,12

No Traço de Personalidade Psicoticismo, a primeira série obteve uma pontuação maior (2,68) em relação a todas outras. Com média de 1,37 os alunos da terceira série foram os que apresentaram a menor média, como se observa na Tabela 16. A análise de variância indicou diferença significativa entre as médias [$F(3; 162)=3; p=0,000$]. Nesta comparação os Teste de *Tukey* (Tabela 17) diferenciou dois grupos os alunos de primeira série ficaram em um grupo distinto.

TABELA 17. Comparação entre médias entre a Traço de Personalidade Psicoticismo e série com o Teste de *Tukey*

SÉRIE	N	Traço Psicoticismo	
		1	2
3	41	1,37	
4	31	1,42	
2	46	1,72	
1	44		2,68

TABELA 18. Comparação entre as médias de crianças de diferentes séries no Traço de Personalidade Neuroticismo com a ANOVA

Série	N	Média	DP
Primeira	44	3,02	1,77
Segunda	46	3,41	1,84
Terceira	41	4,44	2,06
Quarta	31	4,06	1,84

Quando observa-se na Tabela 18, os alunos da terceira série foram os que obtiveram maior média (4,44), e a primeira com a menor média (3,02); sendo que foi significativamente diferente comprovando-se por meio da análise de variância [$F(3; 162)=3; p=0,003$] entre as médias de todas as séries. Neste traço o Teste Tukey (Tabela19) distinguiu também dois grupos. O primeiro com as pontuações mais baixas e o segundo com as mais elevadas.

TABELA 19. Comparação entre médias entre o Traço de Personalidade Neuroticismo e série com o Teste de *Tukey*

SÉRIE	N	Traço Neuroticismo	
		1	2
1	44	3,02	
2	46	3,41	3,41
4	31	4,06	4,06
3	41		4,44

TABELA 20. Comparação entre as médias de crianças de diferentes séries no Traço de Personalidade Sociabilidade com a ANOVA

Série	N	Média	DP
Primeira	44	4,41	1,97
Segunda	46	5,76	1,86
Terceira	41	5,88	1,58
Quarta	31	4,45	2,16

No Traço de Personalidade Sociabilidade, os participantes da terceira série obtiveram média igual a 5,88, enquanto a menor média foi dos da primeira série. Nesse sentido, alunos da primeira e da terceira série margearam o resultado como visto na Tabela 20. Neste Traço de Personalidade, também observa-se diferença significativa entre as médias [F(3; 162)=3; $p=0,000$]. Similar aos outros, o Teste Tukey (Tabela 21) para este traço de personalidade dividiu as séries em dois grupos, sendo a segunda e terceira séries com médias maiores.

TABELA 21. Comparação entre médias entre o Traço de Personalidade Sociabilidade e série com o Teste de *Tukey*

Série	N	Traço Sociabilidade	
		1	2
1	44	4,41	
4	31	4,45	
2	46		5,76
3	41		5,88

TABELA 22. Comparação entre as médias de crianças de diferentes idades no Traço de Personalidade Extroversão com a ANOVA

Idades	N	Média	DP
7	38	2,29	1,09
8	42	6,62	1,17
9	36	6,67	1,29
10	46	6,93	0,33

Na análise do Traço de Personalidade Extroversão quando compara-se as médias entre as idades, nota-se que a maior média foi a dos participantes com idade de 10 anos (6,93), observando-se na Tabela 22. A análise de variância mostra que houve diferença significativa entre as médias [F(3; 162)=3; $p=0,000$]. O Teste Tukey (Tabela 23) dividiu esta comparação em dois grupos e apontou um com a idade de sete anos e outro com as idades de

8, 9 e 10 anos com médias crescentes respectivamente. A diferença foi significativa para a idade de sete anos em relação com as de 8, 9 e 10.

TABELA 23. Comparação entre médias entre o Traço de Personalidade Extroversão e idade com o Teste de *Tukey*

Idade	N	Traço Extroversão	
		1	2
7	38	2,29	
8	42	6,62	
9	36	6,67	
10	46	6,93	

TABELA 24. Comparação entre as médias de crianças de diferentes idades no Traço de Personalidade Psicoticismo com a ANOVA

Idades	N	Média	DP
7	38	3,45	1,75
8	42	1,26	0,89
9	36	1,39	1,02
10	46	1,37	1,00

Com o Traço de Personalidade Psicoticismo, as crianças mais velhas, com idade de 10 anos, obtiveram média menor (1,37) que as outras. Na idade de sete anos observou-se a maior média com. Também nota-se na Tabela 24 que as crianças da primeira série e quarta série posicionam-se em pólos opostos, podendo talvez indicar uma amadurecimento social conforme o tempo passa, assim, houve diferença significativa [$F(3; 162)=3; p=0,000$]. Outros dois grupos foram formados com este traço com o uso do Teste Tukey (Tabela 25). Novamente um grupo com a idade de sete anos e outro com as de 8, 10 e 9, nesta ordem com valores crescentes.

TABELA 25. Comparação entre médias entre a Traço de Personalidade Psicoticismo e idade com o Teste de *Tukey*

IDADE	N	Traço Psicoticismo	
		1	2
8	42	1,26	
10	46	1,37	
9	36	1,39	
7	38		3,45

TABELA 26. Comparação entre as médias de crianças de diferentes idades no Traço de Personalidade Neuroticismo com a ANOVA

Idades	N	Média	DP
7	38	2,79	1,73
8	42	3,48	1,73
9	36	4,08	2,22
10	46	4,33	1,81

Na Tabela 26 as crianças com 10 anos obtiveram média de 4,33 em relação a 2,79 das de sete anos no Traço de Personalidade Neuroticismo. Também se observou diferença significativa entre as médias [$F(3; 162) 3; p=0,001$]. O Teste Tukey (Tabela 27) para este traço também encontrou dois grupos e um elemento comum para os dois que foi a idade de oito anos. O primeiro grupo abarca as idades de sete e oito anos e o segundo as de 8, 9 e 10 anos com médias mais elevadas.

TABELA 27. Comparação entre médias entre a Traço de Personalidade Neuroticismo e idade com o Teste de *Tukey*

IDADE	N	Traço Neuroticismo	
		1	2
7	38	2,79	
8	42	3,48	3,48
9	36		4,08
10	46		4,33

TABELA 28. Comparação entre as médias de crianças de diferentes idades no Traço de Personalidade Sociabilidade com a ANOVA

Idades	N	Média	DP
7	38	3,74	2,08
8	42	6,17	1,29
9	36	6,14	1,10
10	46	4,70	2,15

Com o Traço de Personalidade Sociabilidade, a idade de sete anos obteve média de 3,74, a menor em relação às demais. Na Tabela 28 pode-se verificar que a idade com maior média foi a de oito anos com 6,17. Também foi verificado a diferença significativa entre as médias [$F(3; 162)=3; p=0,000$]. Para o Traço Sociabilidade o Teste Tukey (Tabela 29) separou os resultados em dois grupos; um com as idades de 7 e 10 anos, com os menores resultados e outro com as de nove e oito anos.

TABELA 29. Comparação entre médias entre a Traço de Personalidade Sociabilidade e idade com o Teste de *Tukey*

Idade	N	Traço Sociabilidade	
		1	2
7	38	3,74	
10	46	4,70	
9	36		6,14
8	42		6,17

TABELA 30. Comparação entre as médias de crianças de Grupos Extremos de diferentes escolas com o Teste *t* de Student no Teste de Bender - SPG

		N	Média	DP
Escola	Pública	59	1,51	0,50
	Particular	23	1,39	0,50

A análise dos dados dos Grupos Extremos em relação à escola, a Tabela 30 mostra que não houve diferença significativa entre escolas públicas e particulares ($t=0,948$; $p=0,346$).

TABELA 31. Comparação entre as médias de crianças de Grupos Extremos de diferentes idades com a ANOVA no Teste de Bender - SPG

Idades	N	Média	DP
7	23	1,83	0,39
8	19	1,63	0,50
9	17	1,24	0,44
10	23	1,17	0,39

A Tabela 31 ajuda a visualizar que houve diferença significativa com Grupos Extremos em relação à idade [$F(3; 162)=3$; $p=0,000$]. Entre as idades, a de sete e oito anos diferenciaram-se significativamente das de 9 e 10. O Teste de *Tukey* (Tabela 32) separou as

categorias em dois grupos, um com as idades de 10 e 9 anos e outro com as idades de oito e sete anos. O segundo grupo obteve média maior que o primeiro.

TABELA 32. Comparação entre as médias de crianças de Grupos Extremos de diferentes idades com Teste *Tukey* no Teste de Bender - SPG

Idade	N	Grupos Extremos	
		1	2
10	23	1,17	
9	17	1,24	
8	19		1,63
7	23		1,83

TABELA 33. Comparação entre as médias de crianças de Grupos Extremos de diferentes séries com a ANOVA no Teste de Bender

Série	N	Média	DP
Primeira	26	1,85	0,37
Segunda	20	1,60	0,50
Terceira	19	1,21	0,42
Quarta	17	1,06	0,24

A análise de Grupos Extremos (Tabela 33) nos mostra a ocorrência de diferença significativa [$F(3; 162)=3; p=0,000$] no que se refere à série. Neste caso as séries se diferenciaram significativamente foram a primeira e a segunda quando comparadas a terceira e quarta. O Teste *Tukey* (Tabela 34) mostra que puderam ser obtidos dois grupos em que obtiveram índices mais altos, sendo os alunos da primeira e segunda séries.

TABELA 34. Comparação entre as médias de crianças de Grupos Extremos de diferentes séries com o Teste *Tukey*

SÉRIE	N	Grupos Extremos	
		1	2
4	17	1,06	
3	19	1,21	
2	20		1,60
1	26		1,85

As correlações dos resultados de cada figura do Teste de Bender – SPG com os Traços de Personalidade mostra que as figuras se correlacionaram individualmente com os Traços. A Tabela 35 facilita esse entendimento.

TABELA 35. Correlação de cada Figura do Teste de Bender – SPG com Traços de Personalidade

Figura	Traços							
	Extroversão		Psicoticismo		Neutoticismo		Sociabilidade	
	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>t</i>
FA	-0,201*	0,011	0,166*	0,036	-0,110	0,164	-0,039	0,622
F1	-0,086	0,281	0,057	0,475	-0,018	0,822	0,110	0,164
F2	-0,258**	0,001	0,171*	0,030	-0,114	0,150	0,035	0,661
F3	-0,199*	0,011	0,165*	0,037	-0,055	0,485	-0,40	0,618
F4	-0,198*	0,012	0,102	0,198	-0,131	0,096	-0,013	0,869
F5	-0,120	0,129	0,124	0,115	-0,186*	0,018	0,134	0,090
F6	-0,432**	0,000	0,301**	0,000	-0,154	0,051	-0,187*	0,017
F7-A	-0,338**	0,000	0,249**	0,001	-0,175*	0,026	-0,214**	0,006
F7-B	-0,345**	0,000	0,258**	0,001	-0,109	0,168	-0,172*	0,029
F8	-0,238**	0,002	0,131	0,096	-0,151	0,540	-0,043	0,583

* = $p \leq 0,05$; ** = $p \leq 0,001$

O Traço de Personalidade Extroversão correlacionou-se negativa e significativamente com as figuras A, 2, 3, 6, 7 e 8; enquanto que Psicoticismo com as figuras

A, 2, 3, 6 e 7. Os Traços Neuroticismo e Sociabilidade, em contrapartida, apresentaram um número menor de correlações significativas (Figuras 5 e 7 com Neuroticismo e Sociabilidade, Figuras 6 e 7). Em Extroversão, excetuando-se as figuras 6 e 7, as demais que se correlacionaram apresentaram coeficientes baixos; em Psicoticismo, excetuando-se a figura 6, as demais apresentaram coeficientes baixos. Nos Traços Neuroticismo e Sociabilidade, as correlações significativas não foram superiores a 0,30. Vale destacar ainda no que se refere às correlações, que a Figura e 7 apresentar coeficientes significativos com todos os traços e a Figura 7B com o Traço Neuroticismo.

TABELA 36. Correlação da Pontuação Total do Teste de Bender – SPG com Sexo, Idade, Escola e Série

		Sexo	Idade	Escola	Série
Pontuação Total	<i>r</i>	0,112	-0,487**	-0,044	-0,513
Teste de Bender – SPG	<i>P</i>	0,156	0,000	0,575	0,000

* = $p \leq 0,05$; ** = $p \leq 0,001$

Ao avaliarmos o resultado da pontuação total do Teste de Bender – SPG com as variáveis sexo, idade, série e tipo de escola, encontra-se coeficientes significativos apenas para as variáveis série e idade. Nesse sentido, ambos os coeficientes ($p=0,000$; $r=-0,513$ e $p=0,000$; $r=-0,487^{**}$ respectivamente) permitem compreender que à medida que aumentam série e idade, diminuem as pontuações no instrumento. Pode-se perceber isso ao observarmos a Tabela 36.

TABELA 37. Correlação da Pontuação Total do Teste de Bender – SPG com Traços de Personalidade

		Extroversão	Psicoticismo	Neuroticismo	Sociabilidade
Pontuação Total	<i>r</i>	-0,440**	0,311**	-0,212**	-0,080
Teste de Bender – SPG	<i>p</i>	0,000	0,000	0,007	0,313

* = $p \leq 0,05$; ** = $p \leq 0,001$

A Tabela 37 indica que os resultados indicaram que a correlação foi positiva entre a pontuação total nos protocolos do Teste de Bender - SPG e os Traços de Personalidade no ETPC foi significativo para os Traços Extroversão, Psicoticismo e Neuroticismo. Para o Traço Sociabilidade não foi encontrada correlação significativa ($p = 0,313$; $r = -0,080$) com a pontuação total do Teste de Bender - SPG.

TABELA 38. Correlação de Traços de Personalidade com Sexo, Idade, Série e Escola

		Sexo	Idade	Série	Escola
Extroversão	<i>r</i>	0,030	0,706**	0,561**	-0,191*
	<i>p</i>	0,704	0,000	0,000	0,015
Psicoticismo	<i>r</i>	-0,056	-0,441**	-0,318**	0,191*
	<i>p</i>	0,477	0,000	0,000	0,015
Neuroticismo	<i>r</i>	0,200*	0,300**	0,246**	-0,067
	<i>p</i>	0,011	0,000	0,002	0,400
Sociabilidade	<i>r</i>	0,115	0,124	0,051	-0,179*
	<i>p</i>	0,146	0,115	0,516	0,023

* = $p \leq 0,05$; ** = $p \leq 0,001$

Os Traços de Personalidade Extroversão e Psicoticismo obtiveram correlações significativas para as variáveis idade, série e escola. A variável sexo correlacionou-se somente com o Traço Neuroticismo ($t = 0,011$; $p = 0,200^*$); este traço, por sua vez obteve correlação estatisticamente significativa também para idade e série. Na Tabela 38 verifica-se

que o Traço de Personalidade Sociabilidade encontrou correlação significativa com a variável escola ($p = 0,023$; $r = -0,179^*$).

CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO

O objetivo deste estudo era verificar se existia correlação entre maturação percepto-motora e traços de personalidade. Buscava-se, entre as outras análises descobrir se, para este novo sistema de correção, o Sistema de Pontuação Gradual (Sisto, Noronha & Santos, 2005), o desempenho na cópia das figuras do Teste de Bender – SPG era resultado somente da maturação percepto-motora ou se haveria correlação com personalidade. Não era uma questão de saber se o Teste de Bender – SPG mensura personalidade, e sim se há elementos comuns que influenciam na execução da tarefa de olhar uma figura, percebê-la e depois copiá-la o mais parecido possível.

Muitas pesquisas são enfáticas ao questionar os estudos de Koppitz, Hutt, Pascall e Suttell, Weinstein entre outros, e seus sistemas de correção, para seu uso em diversas áreas, como, avaliar personalidade em adolescentes, lesão cerebral, predição acadêmica de leitura, escrita e matemática, diferenciação entre grupos específicos (sexo, idade, localização em distintas regiões e culturas), depressão, esquizofrenia, distúrbios de comportamento, inteligência (Belter & cols, 1989; Mc Kay & Neale, 1985; Weinstein, 1983; Lownsdale, Rogers e McCall, 1989; Neale & Mc Kay, 1985; Nielson & Sapp, 1991, Finch & cols, 1983, Carron & Horn, 1979, entre outros). Estes estudos tanto se referem a evidências de validade, precisão, correlação, quanto na verificação de novas finalidades para o instrumento.

No que se refere a Traço de Personalidade, os resultados dos estudos de comparação entre as médias de crianças de diferentes sexos e os traços de personalidade, mostraram que apenas para o Traço Neuroticismo ocorreu diferença significativa entre meninos e meninas, sendo que a média das meninas foi maior que os meninos. Mais adiante a diferença entre sexo, para esta amostragem, não influenciou na maturação percepto-motora nos resultado com o Teste de Bender – SPG, pois os participantes do sexo masculino obtiveram um

desempenho melhor que as do sexo feminino na execução de figuras embora a diferença não tenha sido significativa.

O resultado encontrado por Hutz e colaboradores (1998) em uma pesquisa para o desenvolvimento de marcadores para a avaliação da personalidade no modelo dos cinco grandes fatores. Embora essa amostragem contasse com universitários e esta com estudantes do ensino fundamental, vale a ressalva de os resultados apontaram que houve diferenças significativas para todos os outros fatores (Socialização, Extroversão, Realização e Abertura), menos para Neuroticismo. Neste caso, a média dos homens foi superior a das mulheres e os autores ressaltam que essas diferenças possivelmente não tenham implicação prática.

Em outro estudo, Sisto e colaboradores (2004) objetivou verificar se a aceitação está relacionada com traços de personalidade utilizando a Escala de Traços de Personalidade para Crianças. Neste estudo, que contou com uma população com faixa etária de sete a nove anos e vindo de escolas públicas do interior paulista, aponta que as meninas tiveram uma pontuação mais baixa para o Traço de Personalidade Neuroticismo. O resultado do estudo aponta correlação baixa, porém significativa.

Na comparação entre as médias de crianças de diferentes escolas no traço de personalidade, o único traço que não obteve resultado estatisticamente significativo foi o Neuroticismo, em que, alunos das escolas públicas tiveram um índice médio maior que as crianças provindas das escolas particulares. O resultado pode sugerir que diferenças de ambiente influenciam, mais que outros fatores, na formação do Traço de Personalidade Neuroticismo especificamente. Outras pesquisas futuras podem ou não refutar esta hipótese.

O resultado da comparação entre as médias de crianças de diferentes séries no traço de personalidade nos mostrou que para as crianças da primeira série, os seus escores foram sempre menores em relação aos alunos das outras séries excetuando no Traço de Personalidade Psicoticismo. Uma criança com uma classificação no quartil acima de 75%, é

descrita por Sisto (2004) como dura, sem preocupação com os outros, solitária, anti-social, criadora de problemas; ainda é cruel, desumana, insensível, hostil, com inclinação para coisas raras e extravagantes; depreciam o perigo e sentem prazer em perturbar os outros. Uma hipótese levantada é de que este tipo de comportamento não é o mais comum entre crianças e que, conforme os anos vão passando, habilidades sociais vão sendo desenvolvidas. Dos 162 participantes da pesquisa, somente quatro, estavam no quartil acima dos 75% no Traço Psicoticismo e conforme veremos a seguir quanto mais a idade aumenta, diminui a pontuação para este traço.

O resultado da comparação entre as médias de crianças de diferentes idades no traço de personalidade mostrou que para três deles a pontuação aumenta conforme aumenta a idade, exceção feita com o Traço de Personalidade Psicoticismo em que sua pontuação média diminui conforme aumenta a idade dos participantes. Isso pode indicar que a Personalidade se estabelece conforme a vivência do indivíduo, em outras palavras, seu comportamento torna-se mais estável com o tempo. Sisto (2004) diz que, personalidade tradicionalmente se refere à singularidade do comportamento que caracteriza uma pessoa por sua consistência e estabilidade, conceito sustentado também por Allport (1969, 1970) ao falar da parte constante da corrente de atividades de uma pessoa, e Eysenck (1981) que considera um Traço de Personalidade como a persistência de um comportamento, como já visto no capítulo dois.

O indivíduo se adaptaria ao meio onde vive, conseqüentemente um comportamento que, nos primeiros anos da infância, seria individual e voltado exclusivamente aos próprios prazeres, deverá ser deixando em segundo plano conforme toma noção do seu entorno. Nesse sentido, Lazarus (1969) informa que as exigências externas, que desafiam as capacidades de adaptação do homem, são as resultantes do meio social, da vida em sociedade e em interdependência com outras pessoas. Acrescenta que as instituições sociais da cultura em que uma pessoa nasceu, exigem conformidade a certos valores sociais e a padrões de

comportamento culturalmente desenvolvidos. Ressalta, contudo que os estímulos exteriores não explicam unicamente a base do comportamento e que este deve originar-se, parcialmente em características pessoais.

Alguns dos resultados do Teste de Bender – SPG, concordaram com a maioria das pesquisas realizadas na área, outros foram opostos. Os resultados serão discutidos a seguir.

O estudo de Weinstein (1983) com as diferenças entre os sexos no Teste de Bender, com sistema de correção de Koppitz (1975), o *Developmental Scoring System*, apontou que os meninos apresentaram maior dificuldade na cópia das figuras do instrumento, entre elas, com os ângulos. Ressalta-se que nessa pesquisa que somente o critério de Distorção da Forma diferenciou significativamente entre meninos e meninas. O Teste de Bender – SPG adotou somente o critério de correção Distorção da Forma. Mc Kay & Neale (1985) encontraram, para o critério de Distorção da Forma, uma precisão tão alta quanto à pontuação total dos erros das figuras do teste.

Nesta pesquisa a comparação entre as médias de participantes dos dois sexos mostrou que não houve diferença estatisticamente significativa, porém os meninos obtiveram melhores resultados em relação às meninas o que vem a contradizer o estudo acima citado. Em sua pesquisa Suehiro (2005) também não encontrou diferença significativa de resultado entre os sexos, a diferença foi que as meninas e obtiveram um desempenho melhor em relação aos meninos.

O Teste de Bender – SPG apontou diferença (não significativa) entre alunos de escolas públicas e particulares, mas os alunos das escolas particulares tiveram um desempenho melhor que os das públicas. Suehiro (2005) em seu estudo com o Teste de Bender – SPG, também encontrou diferença favorável aos alunos da rede particular, diferença esta, estatisticamente significativa, o que tende a mostrar, segundo a autora, que crianças de escola pública tendem a ter maiores dificuldades percepto-motoras.

Com relação à idade, o resultado da padronização mostra o que as pesquisas apontam (Suehiro, 2005; Finch & cols, 1983; Mazzeschi & Liz, 1999; Chan, 2001; entre outros); conforme aumenta a idade diminui a incidência de erros nos protocolos do Teste de Bender – SPG. Este dado indica que existe correlação positiva entre idade e maturação percepto-motora. Neste estudo, encontramos diferenças significativas entre as idades dos participantes.

No item série, também foi verificado que, conforme os alunos vão sendo aprovados de um ano para outro, e ficando mais velhos, sua pontuação nos protocolos nas figuras do Teste de Bender – SPG diminui. Esta diferença também foi significativa.

As figuras do Teste de Bender – SPG foram correlacionadas individualmente com os Traços de Personalidade e seus resultados mostraram que cada uma delas pode ser singular em sua avaliação. Nesta pesquisa, a figura a qual os alunos obtiveram menos erros foi a A, enquanto que a mais difícil foi a Figura 3, conforme já relatado em Resultados. No estudo de Mazzeschi & Liz (1999), com o Sistema Koppitz de correção (1975), somente a figura oito diferenciou significativamente o desempenho entre meninos e meninas, o que confirma a afirmação da individualidade das figuras e contradiz Bender (1974) que acreditava que todas as figuras possuíam o mesmo nível de dificuldade.

Por outro lado, ao correlacionarmos a pontuação total dos protocolos do Teste de Bender - SPG com Traços de Personalidade encontrou-se correlação significativa para todos os traços exceto Sociabilidade. Ao lado disso, no estudo de Sisto e colaboradores (2003) observou-se que quanto maior a intensidade do Traço de Personalidade Psicoticismo, maior a pontuação no critério Distorção de Forma. Isso indica que pode haver indicativos de relação da personalidade na maturação percepto-motora em crianças.

CAPÍTULO V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos pesquisadores se dedicaram ao longo de vários anos à realização de estudos com o Teste de Bender, como destacado nos capítulos anteriores. Alguns resultados apontam para o uso do instrumento para áreas distintas como, dificuldades de aprendizagem, diferença de desempenho entre populações masculinas e femininas, para grupos de pacientes lesionados entre outros (Lesiak, 1994; Suehiro, 2005 entre outros).

Os questionamentos com o Teste de Bender variam desde sua forma de aplicação, população atendida e sistemas de correção. Este último fomentou muitas pesquisas tanto no que se refere ao mais conhecido, o de Koppitz (1975), quanto à elaboração de outros sistemas como os de Pascal e Suttell (1951), entre outros.

O *Sistema de Pontuação Gradual* desenvolvido por Sisto, Noronha e Santos (2005) contribui para o uso do instrumento com população com idade variando de 6 a 10 anos. Este sistema de correção traz mais agilidade na correção do Teste de Bender – SPG, pois somente um critério de correção é utilizado, o de Distorção de Forma.

O estudo entre o Teste de Bender – SPG e a Escala de Traços de Personalidade para Crianças, correlaciona a avaliação da maturação percepto-motora e traços de personalidade e indica, entre outros resultados, que existe correlação significativa entre os dois. Outro resultado apontado nesta pesquisa mostrou a diferença de desempenho dos alunos da rede pública e da particular. Os alunos da rede pública obtiveram desempenho no Teste de Bender – SPG significativamente mais baixo em relação ao da particular, o que pode indicar uma defasagem de ensino na rede pública.

Outros estudos devem ser feitos com o Teste de Bender – SPG com a finalidade de verificar outras evidências de validade. A ampliação de novas pesquisas poderá mostrar

outras características psicométricas com o Sistema de Pontuação Gradual de Sisto, Noronha e Santos (2005) conforme ressalta Suehiro (2005).

No que se refere ao ETPC, algumas pesquisas podem ser realizadas com os resultados como a diferença entre as médias de participantes do sexo masculino e feminino e o Traço de Personalidade Neuroticismo. Os participantes do sexo feminino obtiveram média maior que o masculino e isso pode ser um indicador de um amadurecimento feminino mais cedo.

O atual projeto é o primeiro estudo que correlaciona novo sistema de correção do Teste de Bender – SPG e a Escala de Traços de Personalidade para Criança. O estudo de Sisto, Bueno e Rueda (2003) também utilizando os dois instrumentos foi realizado com o sistema de correção de Koppitz (1975).

A idade dos participantes deste projeto, entre o Teste de Bender – SPG e o ETPC, variou de 7 a 10 anos, pois foi excluída a amostra dos participantes com idades de 6 anos devido ao seu pequeno número. O ETPC foi padronizado para crianças de 5 a 10 anos, então outros estudos poderão incluir crianças de seis anos para verificação de novos dados, bem como uma maior população nessa faixa etária.

Tanto a Escala de Traços de Personalidade para Crianças como o Teste de Bender – SPG são instrumentos padronizados com amostras de crianças brasileiras, isso se constitui um avanço para a avaliação psicológica atual. Na utilização de instrumentos que garantam a validade e fidedignidade de seus dados mensurando o que se propõe.

REFERÊNCIAS

- Alves, I. C. B., Alchieri, J. C. & Marques, K. C. (2001). As técnicas de exames psicológicos ensinadas nos cursos de graduação de acordo com os professores. *Psico-USF*, 7(1), 77-88.
- Anastasi, A., Urbina, S. (2000). *Testagem Psicológica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Allport, G. W. (1927). Concepts of Trait and Personality. *Psychological Bulletin*, 24, 284-293.
- Allport, G. W. (1970). *Desenvolvimento da Personalidade*. São Paulo: Editora Heder.
- Allport, G. W. (1969). *Personalidade, Padrões e Desenvolvimento*. São Paulo: Editora Heder.
- Bender, L. (1974). *Test Gestaltico Visomotor: Usos y Aplicaciones Clínicas*. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- Belter, R. W., McIntosh J. A., Finch, A. J., Willians, L. D. & Edwards, G. L. (1989). The Bender Gestalt as a method of personality assessment with adolescents. *Journal of Clinical Psychology*, 3, 235-240.
- Bolton, B. (1972). Quantification of two projective test for deaf clients. *Journal of Clinical Psychology*, 28(4), 554-556.
- Bolton, B., Donoghue, R. & Langbauer, W. (1973). Quantification of two projective test for a deaf clients: a large sample validation study. *Journal of Clinical Psychology*, 29(2), 249-250.
- Brannigan, G. G. & Brunner, N. A. (1993). Comparison of the qualitative and developmental scoring systems for the modified version of the Bender-Gestalt Test. *Journal of School Psychology*, 31(2), 327-330.
- Buckley, P. D. (1978). The Bender Gestalt Test: a review of reported research with school-age subjects, 1966-1977. *Psychology in the school*, 15(3), 327-336.
- Cattell, R. B. (1975). *Análise Científica da Personalidade*. São Paulo: Ibrasa

- Chan, W. (2001). Comparison of visual motor development in Hong Kong and USA assessed on the qualitative scoring system for the Modified Bender Gestalt Test. *Psychological Reports*, 88, 236-240.
- Davidoff, L. (2001). *Introdução a Psicologia*. São Paulo: Makronbooks.
- Eysenck, H. J. (1965). *Fatos e Mitos da Psicologia*. Rio de Janeiro: Editora Ulisséia.
- Eysenck, H. J. (1998). *Dimensions of Personality*. New Brunswick, U.S.A., London U.K.: Transaction Publishers.
- Eysenck, H. J., Eysenck, M. W. (1981). *Comportamento: segredos e surpresas da mente*. São Paulo: Círculo do Livros.
- Fadiman, J., Frager, R. (1986). *Teorias da Personalidade*. São Paulo: Harbra.
- Finch, Jr., A J., Spirito, A., Garrison, S. & Marshall, P. (1983). Developmental differences in Bender-Gestalt recall of children with learning and behavior problems. *Perceptual and Motor Skill*, 56, 87-90.
- Hall, C. S., Lindzey, G., Campbell, J. B. (2000). *Teorias da Personalidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Hilgert, L. D. & Adams, W. F. (1989). Using the Bender Gestalt-Test to predict graphomotor dimensions of the Draw-a-Person Test. *Perceptual and Motor Skill*, 68, 27-32.
- Hutz, C. S., Nunes, C. H., Silveira, A. D., Serra, J., Anton, M. & Wieczorek. (1998). O Desenvolvimento de Marcadores para a Avaliação da Personalidade no Modelo dos Cinco Grandes Fatores. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11, 395-409.
- Johnston, C. W. & Lanak, B. (1985). Comparison of the Koppitz and Watkins Systems for the Bender Gestalt Test. *Journal of Learning Disabilities*, 18(7), 377-378.
- Koppitz, E. M. (1987). *O Teste Gestaltico Bender para Crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Lazarus, R.S., (1969). *Personalidade e Adaptação*, Rio de Janeiro: Editora Zahar.

- Lesiak, J. (1984). The Visual Motor Gestalt Test: Implications for the diagnosis and prediction of reading achievement. *Journal of School Psychology, 22*, 391-405.
- Lownsdale, W. S., Rogers, B. J. & McCall, J. N. (1989). Concurrent Validation of Hutt's Bender Gestalt Screening Method for schizophrenia, depression, and brain damage. *Journal of Personality Assessment, 53*(4), 832-836.
- Lubin, B. & Sands, E. W. (1992). Bibliography of the psychometric properties of the Bender Visual-Motor Gestalt Test: 1970-1991. *Perceptual and Motor Skills, 75*, 385-386.
- Malatesha, R. N. (1986). Visual motor ability in normal and disabled readers. *Perceptual and Motor Skill, 62*, 627-630.
- Mallinger, B. L. & Lonley, K. F. (1988). Bip Bender protocols of learning-disabled and regular education students. *Perceptual and Motor Skill, 67*, 193-194.
- Mazzeschi, C. & Lis, A. (1999). The Bender-Gestalt Test: Koppitz's developmental scoring system administered to two samples of Italian preschool and primary school children. *Perceptual and Motor Skills, 88*, 1235-1244.
- McCann, R. & Plunkett, R. P. (1984). Improving the concurrent validity of the Bender-Gestalt Test. *Perceptual and Motor Skills, 58*, 947-950.
- McIntosh, J. A., Belter, R. W., Saylor, C. S., Finch Jr, A. J., & Edwards, G. L. (1988). The Bender-Gestalt with adolescents: comparison of two scoring systems. *Journal of Clinical Psychology, 44*(2), 226-230.
- McKay, M. F. & Neale, M. D. (1985). Predicting early school achievement in reading and handwriting using major "errors" categories from the Bender Gestalt Test for young children. *Perceptual and Motor Skill, 60*, 654-674.
- Moose, D. & Brannigan, G. G. (1997). Comparison of preschool children's scores on the modified version of the Bender-Gestalt Test and the developmental Test of Visual-Motor Integration. *Perceptual and Motor Skill, 85*, 766.

- Noronha, A.P.P. (2002). Os problemas mais graves e mais frequentes no uso dos testes psicológicos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15 (1), 78-85.
- Neale, M. D. & McKay, M. F. (1985). Scoring the Bender-Gestalt Test using the Koppitz developmental system: interrater reliability, item difficulty, and scoring implications. *Perceptual and Motor Skills*, 60, 627-636.
- Neri, M.L. (2005). *Bender – Sistema de Pontuação Gradual: um estudo com crianças surdas*. Dissertação de Mestrado da Universidade São Francisco, Itatiba, São Paulo.
- Nielson, S. & Sapp, G. L. (1991). Bender Gestalt developmental scores: predicting reading and mathematics achievement. *Psychological Reports*, 69, 39-42.
- Pascal, G. R. & Suttell, B. J. (1951). *The Bender-Gestalt Test, quantification and the validity for adults*. New York: Grune & Stratton.
- Pervin, L. A. (1978). *Personalidade: teoria, avaliação e pesquisa*. São Paulo: E.P.U.
- Pinelli, B. Jr. (1990). *Adaptação do Teste do Desenvolvimento da Integração Viso- Motora para uso no Brasil*. Dissertação do Instituto de Psicologia da UNB, DF.
- Pinho, C. C. M., Guzzo, R. S. L. (2003). Taxonomia de Adjetivos Descritores da Personalidade. *Avaliação Psicológica*, 2(2), 81-97.
- Rossini, E. D. & Kaspar, J. C. (1987). The validity of the Bender-Gestalt emotional indicators. *Journal Personality Assessment*, 51(2), 254-261.
- Salvia, J. & Ysseldike, J. E. (1991). *Avaliação em Educação Especial e Corretiva*. São Paulo: Manole.
- Sangters, G.; Rogers, B. J.; Searight, H. R. (1993). The Validity of Hutt's Bender-Gestalt scoring system for hostility: correlation with the Interpersonal Behavior Survey's Aggression Scales. *Journal of Human Behavior*, 30(2), 22-29.

- Schachter, S., Brannigan, G. G.; Tooke, W. (1991). Comparison of two scoring systems for the modified version of the Bender-Gestalt-Test. *Journal of School Psychology, 29*, 265-269.
- Sisto, F. F. (2004). *Escala de Traços de Personalidade para Crianças*. São Paulo: Vetor Editora Psicopedagógica Ltda.
- Sisto, F. F., Bueno, J. M. H. & Rueda, F. J. M. (2003). Traços de personalidade na infância e distorção e integração de formas: um estudo de validade. *Psicologia em Estudo, 8*(1), 77-84.
- Sisto, F. F., Noronha, A. P. P. & Santos, A. A. A. (2003). Validade do critério de distorção do teste de Bender para diferentes idades. Manuscrito submetido à publicação.
- Sisto, F. F., Noronha, A. P. P. & Santos, A. A. A. (2005). *Bender - Sistema de Pontuação Gradual B-SPG*. Itatiba, SP: Programa de Pós-graduação Strictu-Sensu em Psicologia da Universidade São Francisco. Vetor Editora Psicopedagógica Ltda.
- Sisto, F. F., Oliveira, S. M. S. S., Oliveira, K. L., Bartholomeu, D., Oliveira, J. C. S. & Costa, O. R. S. (2004). Escala de Traços de Personalidade para Crianças e Aceitação Social entre Pares. *Revista Interação em Psicologia, 8*(1), 15-24.
- Sisto, F. F., Santos, A. A. A. & Noronha, A. P. P. (2003 no prelo). Critério de integração do Teste de Bender: explorando evidências de validade. *Avaliação Psicologia, 3*(1).
- Suehiro, A. C. B. (2005). *Contribuição ao Sistema de Pontuação Gradual do Bender: evidências de validade na escolarização*. Dissertação de Mestrado da Universidade São Francisco, Itatiba, São Paulo.
- Svensson, P. W. & Hill, M. A. (1990). Interrater reliability of the Koppitz developmental scoring method in the clinical evaluation of the single case. *Perceptual and Motor Skills, 70*, 615-623.

- Urquijo, S.(2000). Modelos Circumplexos da Personalidade. Em Sisto, F. F., Sbardelini, E. T. B., Primi, R. (orgs.). *Contextos e Questões da Avaliação Psicológica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Weinstein, E. S. (1983). Sex Differences in early Bender Gestalt-Test performance. *Perceptual and Motor Skill*, 57, 301-302.
- Zazzo, R. (1981). *Manual do Exame Psicológico da Criança*. São Paulo: Mestre Jou.

ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO (1ª via)****AVALIAÇÃO PERCEPTO-MOTORA E TRAÇOS DE PERSONALIDADE: UM ESTUDO CORRELACIONAL.**

Eu,.....RG.....
 responsável legal de.....
 idade.....,endereço:.....,abaixo assinado,
 dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supra-citado, sob a responsabilidade do(s) pesquisador(es) Profª Drª Ana Paula Porto Noronha e de Rodrigo Soares Santos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade São Francisco.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1 - O objetivo da pesquisa é verificar evidência de validade divergente entre o Teste de Bender e a Escala de Traços de Personalidade para Crianças;
- 2 - Durante o estudo será aplicado o Teste Gestaltico Percepto-motor de Bender e a Escala de Traços de Personalidade para Crianças;
- 3 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;
- 4 - A resposta a estes instrumentos poderão causar constrangimento;
- 5 - Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa;
- 6 - Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: 11 - 4034-8000;
- 8 - Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Profª Drª Ana Paula Porto Noronha e Rodrigo Soares Santos, sempre que julgar necessário pelo telefone e (11) 7275-0797.
- 9 - Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

Novembro de 2005

Assinatura:

ANEXO 2– TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO ESCLARECIDO (2ª via)

AVALIAÇÃO PERCEPTO-MOTORA E TRAÇOS DE PERSONALIDADE: UM ESTUDO CORRELACIONAL.

Eu,.....RG.....
 responsável legal de.....
 idade.....,endereço:.....,abaixo assinado,
 dou meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário do projeto de pesquisa supra-citado, sob a responsabilidade do(s) pesquisador(es) Profª Drª Ana Paula Porto Noronha e de Rodrigo Soares Santos do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade São Francisco.

Assinando este Termo de Consentimento estou ciente de que:

- 1 - O objetivo da pesquisa é verificar evidência de validade divergente entre o Teste de Bender e a Escala de Traços de Personalidade para Crianças;
- 2 - Durante o estudo será aplicado o Teste Gestaltico Percepto-motor de Bender e a Escala de Traços de Personalidade para Crianças;
- 3 - Obtive todas as informações necessárias para poder decidir conscientemente sobre a minha participação na referida pesquisa;
- 4 - A resposta a estes instrumentos poderão causar constrangimento;
- 5 - Estou livre para interromper a qualquer momento minha participação na pesquisa;
- 6 - Meus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada;
- 7 - Poderei contatar o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade São Francisco para apresentar recursos ou reclamações em relação à pesquisa pelo telefone: 11 - 4034-8000;
- 8 - Poderei entrar em contato com o responsável pelo estudo, Profª Drª Ana Paula Porto Noronha e Rodrigo Soares Santos, sempre que julgar necessário pelo telefone e (11) 7275-0797.
- 9 - Este Termo de Consentimento é feito em duas vias, sendo que uma permanecerá em meu poder e outra com o pesquisador responsável.

Novembro de 2005

Assinatura:

***ANEXO 3 – TERMO DE APROVAÇÃO DA PESQUISA PELO COMITÊ DE ÉTICA DA
INSTITUIÇÃO***